

cadernos

IHU

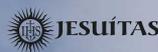
ISSN: 1806-003X (impresso) • ISSN: 2448-0282 (online)  
ano 14 • nº 53 • 2016

# Por Onde Navegam?

Estudo sobre jovens e adolescentes do Ensino  
Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo

Hilário Dick  
José Silon Ferreira  
Luis Alexandre Cerveira

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS  
Somos infinitas possibilidades

**Por Onde Navegam?**  
**Estudo sobre jovens e adolescentes do**  
**Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo**

*Where do they surf?*  
*A study on high school youth and*  
*adolescents in São Leopoldo and Novo Hamburgo*

## **Resumo**

A pergunta que a pesquisa formula refere-se à vivência dos valores (sociais, afetivos, políticos, culturais, econômicos e religiosos) da juventude e da adolescência do Ensino Médio em dois municípios da Região do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo e Novo Hamburgo. Este o sentido de “navegar”: perceber a cosmovisão desta juventude/adolescente, incluindo os aspectos acima referidos. Nos objetivos específicos quer-se perceber isso através de 263 entrevistas realizadas em 08 colégios (públicos e particulares). A análise se refere, após longa apresentação, aos tripulantes do barco (navegar), ao mapa dos afetos, às posturas e propostas na dimensão política, cultural, familiar e religiosa. Ressaltam-se, no final, os maiores embrulhos, as turbulências, os assuntos que não aparecem, as propostas culturais e juvenis e o discurso político e religioso.

**Palavras-chave:** Observatório, Juventude, Escola.

## **Abstract**

The question that research develops refers to the experience of values (social, emotional, political, cultural, economic and religious) youth and high school teens in two municipalities of the Sinos River Valley Region: São Leopoldo and Novo Hamburgo. This sense of “surfing”: understand the worldview of this youth / adolescent, including the above aspects. The specific objectives are therefore realize the social, cultural, religious, economic, emotional and existential these / girls and adolescents and to identify, through 263 interviews conducted in 8 schools (public and private) the personal, family, school impact and social (satisfaction or dissatisfaction) of human experience researched this world. The analysis refers, after long presentation, the boat crew (navigate) the map of the affections, the positions and proposals on the political dimension, cultural, family and religious. To point out in the end, the larger packages, the turmoil, the subjects do not appear, cultural and youth proposals and the political and religious discourse.

**Keywords:** Observatory, Youth, School

# Por Onde Navegam?

Estudo sobre jovens e adolescentes do  
Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo

Hilário Dick  
José Silon Ferreira  
Luis Alexandre Cerveira  
Observatório Juvenil do Vale – UNISINOS

**Cadernos IHU** é uma publicação mensal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, apresenta artigos que abordam temas concernentes à ética, sociedade sustentável, trabalho, mulheres e novos sujeitos socioculturais, teologia pública, que correspondem às áreas de trabalho do Instituto. Divulga artigos provenientes de pesquisas produzidas por professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação, assim como trabalhos de conclusão de cursos de graduação. Seguindo a herança dos *Cadernos CEDOPE*, esse periódico publica artigos com maior espaço de laudas, permitindo assim aos autores mais espaço para a exposição de suas teorias.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** José Ivo Follmann, SJ

**INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS**

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

**Cadernos IHU**

Ano XIV – Nº 53 – 2016

ISSN 1806-003X (impresso)

ISSN 2448-0282 (online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** Lic. Átila Alexius; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Agemir Bavaresco, PUCRS, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Aitziber Mugarra, Universidade Deusto, Espanha, doutora em Ciências Econômicas e Empresariais; Prof. Dr. André Filipe Z. Azevedo, Unisinos, doutor em Economia; Prof. Dr. Castor M. M. B. Ruiz, Unisinos, doutor em Filosofia; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Dr. Daniel Naras Vega, OIT, Itália, doutor em Ciências Políticas; Prof. Dr. Edison Gastaldo, Unisinos, pós-doutor em Multimeios; Profa. Dra. Éliada Hennington, Fiocruz, doutora em Saúde Coletiva; Prof. Dr. Jaime José Zitikosky, UFRGS, doutor em Educação; Prof. Dr. José Ivo Follmann, Unisinos, doutor em Sociologia; Prof. Dr. José Luiz Braga, Unisinos, doutor em Ciências da Informação e da Comunicação; Prof. Dr. Werner Altmann, doutor em História Econômica.

**Responsável técnico:** Lic. Átila Alexius

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Imagem da capa:** Natália Scholz

**Editoração:** Rafael Tarcísio Forneck

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto

Humanitas Unisinos. – [Ano 1, n. 1 (2003)]- . . . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . . .

v.

Irregular, 2003-2012 ; Mensal, 2013-.

Fusão de: Cadernos CEDOPE : série cooperativismo e desenvolvimento rural e urbano; com Cadernos CEDOPE : série população e família; com Cadernos CEDOPE : série movimentos sociais e cultura; e, Cadernos CEDOPE : série religiões e sociedade.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu>>.

Descrição baseada em: [Ano 1, n. 1 (2003)] ; última edição consultada: Ano 12, n. 46 (2014).

ISSN 1806-003X

1.Sociologia. 2.Religião. 3.Trabalho. I.Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

2

331

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

**ISSN 1806-003X (impresso)**

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial do Cadernos IHU:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

E-mail: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# Sumário

<b>Agradecimentos</b> .....	4
<b>Navegar é preciso</b> .....	5
<b>Apresentação</b> .....	8
<b>1. O Mar Juvenil: Contextualização e Abrangências</b> .....	11
<b>2. Objetivo geral</b> .....	22
<b>3. Metodologia</b> .....	26
<b>4. Tripulantes do Barco</b> .....	28
4.1 Mapa dos Afetos .....	29
4.2 O/A Adolescente não só sente: Pensa posturas e propostas.....	35
4.2.1 Posturas sociopolíticas .....	35
4.2.2 Mundos culturais e familiares .....	42
4.2.3 Religião? Nem tanto... ..	47
4.2.4 Quando adolescentes falam .....	51
<b>5. Conclusão: Chegando ao porto e olhando para trás</b> .....	58
5.1 Os maiores embrulhos.....	58
5.2 Turbulências à vista.....	60
5.3 Assuntos que não aparecem.....	62
5.4 Discurso político-social e religioso.....	64
5.5 Propostas culturais e juvenis .....	67
<b>Bibliografia</b> .....	71

# Agradecimentos

As coisas sérias sempre exigem que saibamos agradecer. Esta viagem pelos corações dos estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo (RS) foi de muita sensibilidade. Coisas doces e amargas. Coisas que nos fizeram e fazem felizes e coisas que machucam e doem. Os que lerem vão perceber isso.

Vão expressos aqui os agradecimentos, que nunca serão todos. Começamos pela meninada dos oito colégios que acolheu a nossa curiosidade e procurou ser sincera. Vocês nos fizeram um longo discurso... A vontade é de pôr uma foto de todos vocês.

Às direções das escolas, que permitiram entrarmos naquelas salas e corredores. Aos que colaboraram nos grupos focais e questionários, para os quais não se precisa dizer muito. São geniais. Contudo, tem gente escondida: os e as curiosos/as, o Dudu (Eduardo Ferreira, de 17 anos); que se mandava para transcrever os “questionários”; a Patrícia Vieira (que todos chamam de Pati), que inventou as tabelas em cima dos dados que lhe foram dados; a Simone, que reclamava com razão que seu marido se dedicava demais; a Susana, que espiava da esquina não sabendo direito o que fazíamos, mas aprovando; e tantos outros. Foi muito bom, também, saber que o Instituto Humanitas Unisinos – IHU se mostrou de portas abertas.

# Navegar é preciso...

*Dr. Luis Alexandre Cerveira*

A frase que se tornou popular pelos escritos do grande poeta português Fernando Pessoa e que, segundo alguns historiadores, teria sido pronunciada pela primeira vez pelo General romano Pompeu, pode ter várias interpretações. Apropriamo-nos de uma leitura que privilegia a ideia de que os jovens realizam várias viagens em seu dia a dia, ou seja, navegam por vários lugares, concretos ou abstratos. O objetivo da pesquisa e sua análise foi, de alguma forma, compreender por “onde andam” esses jovens, mas não só, objetivamos também entender o que estas andanças significam.

Esta obra foi realizada a muitas mãos: os que criaram o questionário, os que o aplicaram em tantas escolas, os que compilaram dados, aqueles que interpretaram e discutiram as respostas, ou seja, é uma obra polifônica que tem por objetivo saber mais sobre nossa juventude, ouvindo-a! Não temos a inocência de que os questionários com seus dados revelem uma “verdade absoluta”, até porque a “palavra instituída no lugar do outro é destinada a ser escutada de uma forma diferente da que fala”. (CERTEAU, 2000, p.212). Compreendemos, portanto, que é preciso ouvir de forma muito atenta, cruzando respostas, prestando atenção ao dito de forma quase despreziosa, uma vez que “as palavras importantes se dizem, geralmente, de saída, em trânsito entre dois lugares”. (CERTEAU, 2007, p.262).

Para tanto, procuramos tornar a amostragem dos jovens a mais significativa possível. Os questionários foram aplicados em escolas públicas e privadas de diferentes estratos sociais e econômicos das cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Gostaria de trazer um relato pessoal, uma vez que também sou professor de educação básica. Uma pesquisa dessa monta, tendo como capitão a nos guiar o Pe. Hilário Dick SJ, é da maior importância. Não há nada publicado com uma amostragem tão ampla, tampouco com um questionário tão significativo. Como educador, acredito que uma leitura atenta das respostas e análises realizadas será fundamental para corrigir rumos do processo de ensino-aprendizagem, bem como para traçar estratégias que possam dar conta de necessidades

desses jovens que apareceram de forma direta ou subjetiva. Ou, dito de outra forma, é preciso dar aos jovens o protagonismo, que “é a atuação (...) através de uma participação construtiva. Envolvendo-se com as questões da própria adolescência/juventude, assim como com as questões sociais do mundo, da comunidade”. (RABÊLLO, 2011, p.1).

Para dar conta do que pensa uma juventude, em um período histórico que muitos analistas sociais consideram como o de maior retrocesso e conservadorismo desde o fim da ditadura militar, recorremos a Michel de Certeau. O jesuíta francês propõe que uma análise científica deve se organizar em “quatro noções (...) a oralidade (...) a espacialidade (...) a alteridade” e, por fim, “a inconsciência (estatuto de fenômenos coletivos referidos a uma significação que lhes é estranha e que não é dada senão a um saber vindo de alhures)”. (CERTEAU, 2000, p. 211).

A oralidade foi por nós contemplada dando voz aos jovens, e os questionários – longe de ser o ideal – foram a forma possível de ouvi-los. Aqui há algo da maior importância. Por mais que pensemos que os jovens de “hoje” tenham inúmeras formas de comunicação, acreditamos que raramente são ouvidos, de fato, pelo mundo adulto. Nossa proposta foi, portanto, dar voz a jovens do Vale do Sinos que raramente podem se expressar.

A espacialidade foi contemplada de duas formas: uma geográfica e outra socioeconômica. A primeira foi a delimitação da pesquisa nas duas maiores cidades da região, São Leopoldo e Novo Hamburgo. Estes centros urbanos, mesmo muito próximos, têm identidades bastante distintas. Do ponto de vista socioeconômico, acredito que contemplamos de maneira satisfatória diferentes extratos sociais, aplicando a pesquisa desde colégios com público de menor poder aquisitivo, até os colégios frequentados pela elite econômica da região.

A alteridade foi garantida pelo fato de que as perguntas foram construídas por pesquisadores adultos, experientes com juventudes, mas que não podem mais ser qualificados como “jovens”. Ao perguntarmos aos jovens por onde navegavam, de alguma forma, tentamos compreendê-los a partir de nossos próprios pressupostos, ou, dito de outra forma, tentamos entender o jovem realizando uma viagem “para terras conhecidas” (BERNAND e GRUZINSKI, 2001, p.15).

A inconsciência de que fala o autor francês é o não dito, é o que se descobre cruzando respostas, comparando dados socioeconômicos, indo além do revelado nas respostas. Isso porque os jovens, quando confrontados com determinados assuntos, quando confrontados com “a diferença, antes só imaginada ou esperada”, não raro, passam por um “profundo impacto de transformação”. (GIUCCI, 1991, p.10). O “outro” no espelho, como defende Hartog (1999), age sobre o que lhe constrói a imagem e o modifica; assim, nem o que se reflete, nem o reflexo, depois do encontro-estranhamento, foram os mesmos.

Logo, a experiência da resposta aos questionários realizada pelos jovens de São Leopoldo e Novo Hamburgo não é uma via de mão única. É verdade que foi uma rara e valiosa oportunidade de ouvi-los, mas não só. Ao defrontar-se com questões sobre as quais não se reflete geralmente, o jovem também é tocado por elas.

Para finalizar, recorro a mais um poema náutico de Fernando Pessoa. Com ele acredito que represento o sentimento de todos os que trabalharam para que essa obra fosse possível:

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa

# Apresentação

Várias podem ser as formas de perceber o que está emergindo nas juventudes e nas adolescências. Uma dessas maneiras é tentar entender a cosmovisão na qual estes jovens e adolescentes navegam no seu dia a dia, sob o aspecto cultural, afetivo, econômico, político, ideológico ou do sagrado. Precisamos ser curiosos. Precisamos desconfiar do que está emergindo. Embora Regina Novaes diga que, “ao lado de outros recortes (...), a religião pode ser vista como somente um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”<sup>1</sup>, queremos perceber, igualmente, este aspecto da realidade juvenil, mas dentro de uma visão de mundo de modo mais amplo. O mundo no qual navegam... Estamos frente a jovens que “vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico e, certamente, outras vivências. Tentaremos perceber algumas. Um dos grandes desafios para quem trabalha com as juventudes é perceber o que está emergindo no segmento que denominamos “juventude”<sup>2</sup> ou “adolescência”.

É realidade bastante comum que as adolescências, nas escolas, não deixam de assustar educadores/as, pais e instituições. Parece que entrar numa sala de aula é uma aventura... Por isso, a pergunta sobre o “mar” que elas navegam. Vontade de entender e ajudar. As respostas que virão e que precisamos ouvir e ler é algo que nos precisa fascinar. Mais do que nunca o encanto, que parece estar escondido ou ser escondido, é uma das maiores necessidades para educadores, pais, autoridades, instituições e juventudes em geral. Por vezes, tem-se a impressão de que, ao lado de um rico encanto, parece levantar-se uma nuvem ameaçadora de desencanto. Seria esta percepção uma ilusão de um olhar pessimista?

Numa pesquisa sobre a religiosidade jovem, tendo, como público, universitários da PUC/SP, Jorge Claudio Ribeiro faz considerações que podem ser importantes para a

---

1 NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005, p. 263-290.

2 Entendemos como “juventude”, segundo a conceituação cada vez mais aceita, as pessoas que têm entre 15 e 30 anos.

pesquisa que queremos realizar<sup>3</sup>. Insistimos no “religioso” porque uma “visão de mundo” não deixa de ser a expressão daquilo que se acredita, de modo geral. “Longe de ser uma vivência exótica ao humano, a experiência do sagrado integra a nervura de sua caminhada”, diz Ribeiro, logo no começo de seu trabalho. Recorda, igualmente, Mircea Eliade dizendo que “o lugar da hierofania é, na realidade, o próprio ser humano”<sup>4</sup>. Para Eliade, a história sagrada não é a história de Deus; é história de uma experiência humana sobre Deus. Por isso, talvez, os bispos do Brasil digam que a juventude é uma realidade teológica<sup>5</sup> ou um lugar teológico.

Não sabemos se vamos chegar até lá nesta pesquisa, mas fica o sonho e fica o alerta de que os dados que conseguimos nas entrevistas vão além dos números e das porcentagens. Eles são um discurso. Como diz Clodovis Boff, certas coisas só são percebidas “com o rabo do olho”<sup>6</sup>. Neste “rabo de olho”, no entanto, o que aparece? Neste “rabo de olho” estão implicados vários aspectos. Devemos referir-nos não somente ao sagrado ou ao religioso: tudo está em jogo.

Contudo, estudando a religiosidade, em geral, destacam-se duas chaves de leitura: o enfoque substantivo, que estuda o fenômeno religioso a partir de crenças e práticas convencionais, e o enfoque dinâmico, que procura captar transformações, decifrar sentidos, perceber significados por trás dos objetos formalmente religiosos e compreender a gênese dos valores<sup>7</sup> e, também, adivinhar as “crenças” de vida que comandam seu modo de ser. Certamente será um dos aspectos que as respostas às questões formuladas na pesquisa vão revelar. Fala-se, até, da religiosidade como de um iceberg. Por isso, talvez, Georg Simmel diga, num ensaio, que “uma pessoa religiosa é sempre religiosa, independentemente se acredita em Deus”<sup>8</sup>. “A religião não cria a religiosidade”, diz Simmel, “mas esta é que cria a religião”. João Batista Libânio<sup>9</sup> entende a religião como uma dimensão antropológica, vivida em maior ou menor intensidade por todo o ser humano. Falando de “religioso”, queremos referir-nos, portanto, a uma visão de mundo mais ampliada, onde entra em jogo o conjunto de valores que estes jovens e adolescentes vivem e acreditam – o que não deixa

---

3 RIBEIRO, Claudio. *Religiosidade Jovem – Pesquisa entre universitários*. São Paulo: FAPESP, Olho D’água e Loyola, 2009.

4 Este conceito foi cunhado por Eliade para se referir a uma consciência fundamentada da existência do sagrado manifestado através dos objetos habituais de nosso “mundo” como algo oposto ao “mundo profano”.

5 CNBB, *Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas Pastorais*. Brasília, Edições CNBB, 2007, n° 80 e 81.

6 BOFF, Clodovis. “*Teoria do método teológico*”. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 327.

7 RIBEIRO, Jorge Cláudio, p. 23-27.

8 SIMMEL, g. *Essays on religion* “*Problèmes de la sociologie des religions*”. ASSR, Paris, 1967.

9 LIBÂNIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

de ser algo “sagrado”. Não só as adolescências, mas também o mar em que navegam é sagrado.

Outro conceito que nos vai acompanhar, no canto do olho, ao menos de longe, na leitura dos dados que vamos encontrar, é espiritualidade. Segundo Márcio Fabri dos Anjos, esta (a espiritualidade) é “o cultivo da dinâmica que impulsiona o ser humano em seus conhecimentos e escolhas vitais”<sup>10</sup>. Fabri não fala de práticas; fala de conhecimentos e escolhas vitais, um clima que também acompanha adolescentes e jovens em toda a parte. Todo ser humano carrega em si uma “espiritualidade”. Por isso os dados juvenis nos trarão, talvez, alguma novidade quanto à mística que essas adolescências e juventudes vivem ou desejam ou rejeitam viver. É mais do que igreja ou religião.

Um terceiro conceito que é preciso ter presente é sagrado, apesar das polêmicas que este conceito pode provocar e do qual já falamos. Concordamos com Croatto, que entende que o próprio ser humano é o lugar<sup>11</sup> da manifestação do sagrado, sendo uma relação entre o sujeito e o mistério ou o transcendente. Poder-se-ia dizer que o sagrado é uma espécie de secreção da religiosidade numa cultura marcadamente secularizada. Como diz Simmel, “o modo religioso da existência não é uma qualidade estática, um tranquilo estado, mas é uma forma de vida em toda a sua vitalidade”<sup>12</sup>. A pergunta é: Como se manifesta essa “vitalidade” na juventude que vamos encontrar?

Tudo isso, contudo, são possibilidades; a realidade que vamos encontrar pode ser bem outra. Pelo tipo de questionário aplicado, esperamos poder ler mundos variados, especialmente em suas intensidades, onde as alegrias, as ameaças, as sensibilidades, os desejos desejam ser percebidos no seu significado superficial, interior e profundo.

---

10 FABRI DOS ANJOS, Márcio. *Para compreender a espiritualidade em bioética*, in PESSINI, c. BARCHIFONTAINE (org). *Buscar sentido e plenitude de vida*. São Paulo: Paulinas, 2008.

11 CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.

12 SIMMEL. Geor. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

# 1. O mar juvenil:

## contextualização e abrangências

Para analisarmos as águas tranquilas e as corredeiras em que navegam os/as adolescentes e jovens de São Leopoldo e Novo Hamburgo, tomaremos em conta vários cenários. Ribeiro, por exemplo, considera a modernidade e a globalização, a experiência religiosa e a constituição da juventude. É que as aceleradas mutações nas sociedades atuais oferecem novas perspectivas para se compreender a experiência humana, na sua totalidade, também religiosa.

Estamos em tempo de mudança de paradigma. Durkheim dizia que, apesar de apontar para o frio moral de seu tempo, ele considerava que, nas profundezas da vida social, estava em curso a elaboração de uma vida intensa que procurava caminhos para se manifestar e que a humanidade acabaria por achá-los. Apesar de a juventude, que provavelmente vamos encontrar, estar influenciada pelo que a modernidade provocou e que, tempos passados, se chamou de “secularização”, um processo pelo qual o domínio da razão se estendia a todos os âmbitos da vida, social e individual, ela encontrará seu modo de ser.

Afirma Peter Berger que “é falsa a ideia de que vivemos num mundo secularizado. Em vez de mover-nos, hegemonicamente, num mundo racional, apolíneo, o mundo atual está furiosamente religioso, como antes, e até mais”<sup>13</sup> afundado numa dimensão que se mostra, hegemonicamente, dionisiaca. Em meio às possíveis discordâncias dessa afirmação, Libânio diz, com razão, que estamos diante de uma “pluralidade estonteante” de expressões religiosas<sup>14</sup>. Desconfiamos que o universo juvenil que vamos encontrar se situe na passagem violenta desta “modernidade” ou desta “pós-modernidade”, onde se destacam a superficialidade, o fim das utopias e o declínio do afeto no interior de uma cultura que perdeu a semiautonomia que gozava na fase anterior. Redescobre-se que o ser humano não é apenas animal racional e livre, mas um ser passional que negocia com

---

13 BERGER, P. *Le réenchantement du monde*. Paris: Bayard, 2001, p. 15.

14 BERGER, O. cit.p. 267.

uma ordem social que o reprime. Vivemos num tempo em que o dionisíaco luta para ter hegemonia sobre o apolíneo.

No campo do desregulamento das instituições, isto é, da perda ou de busca de novas identidades, são comprovadas três tendências: a continuação da queda na pertença religiosa (em forma de expressões religiosas), o crescimento de vários indicadores de crença entre os cristãos praticantes (a religião tomou a forma de um supermercado), e a expansão numérica dos sem religião e de uma religiosidade difusa, sobretudo entre os jovens. Acredita-se em tudo não acreditando em nada. Uma das possíveis causas pode ser a falta de uma memória coletiva, ocasionando a ignorância dos elementos de base de uma cultura religiosa cristã. Vai-se atrás, por isso, daquilo que se pode observar, por exemplo, com o Papa João Paulo II tornando-se, no seu tempo, um “popstar religioso”, encontrando uma população, especialmente juvenil, predisposta a se identificar com personagens. Algo semelhante vai acontecendo, também, com o Papa Francisco, mas de forma mais espontânea. As juventudes querem referências. Por isso, como dizia Touraine, João Paulo II “não é divino nem sagrado: é espetacular”<sup>15</sup>.

Uma das consequências desta situação é que surge, no contexto da vivência humana, o fenômeno da bricolagem<sup>16</sup>, isto é, a tendência de cada um elaborar seu sistema de crenças e fazer suas experiências com autonomia, fazendo surgir os agnósticos ou, até, os “ateus à procura de Deus”, na feliz expressão de Regina Novaes<sup>17</sup>. São ateus onde cada um tem o seu deus.

Quanto à constituição das juventudes e das adolescências que vamos encontrar, poder-se-ia falar de vários aspectos. Recordamos, no entanto, Hobsbawn, que aponta para três características fundamentais que foram emergindo, principalmente após o maio de 1968: a) as juventudes deixaram de ser encaradas como um estágio preparatório para a vida adulta e passaram a ser vistas como a realização do pleno desenvolvimento humano. Todos começaram a querer ser jovem; b) as corporações produtoras de bens de consumo elegeram o adolescente e o jovem como ator autoconsciente, mote que dominou as economias de mercado começando a contar com uma massa demográfica homogênea, dotada de poder de compra. Um novo mundo de objetos; c) o espantoso internacionalismo da nova cultura juvenil, alicerçada na indústria da diversão de massa, propiciando a produção,

---

15 TOURAINE, Alain. KHOSROKHAVAR, *La recherche desoi – dialogue sur le sujet*. Paris: Fayard, 2000, p. 216.

16 O termo “bricolagem” surgiu na década de 1950, falando-se de “faça você mesmo”. Isso aconteceu devido ao encarecimento da mão de obra e se desenvolveu através da visão dos empresários levando a criar produtos fáceis de serem usados.

17 NOVAES, o. cit. p. 277.

em escala mundial, de mercadorias voltadas para o segmento daqueles que desejam ser jovens, não importando sua idade<sup>18</sup>.

Em 2013, havia, no Brasil, 56 milhões de estudantes, distribuídos/as em variados níveis, etapas e modalidades educacionais, sendo que 76,3% deles/as cursavam instituições públicas de ensino. Deste contingente, 37,2% eram adolescentes e jovens com idades entre 14 e 29 anos. No Ensino Médio estavam, em 2013, 43% das pessoas de 14 a 29 anos, isto é, 8 milhões e 998 mil pessoas, provavelmente adolescentes. Não se deve esquecer, também, que do total dos estudantes até 17 anos, só 54,6% estavam no Ensino Médio<sup>19</sup>.

O Observatório Juvenil do Vale vem-se debruçando sobre a realidade do/a jovem do Vale do Rio dos Sinos há mais tempo, pesquisando suas culturas, identidades, anseios, sonhos e desejos, considerando os aspectos sociológicos, históricos, religiosos, políticos e econômicos, especialmente através de diferentes pesquisas, como *Às margens juvenis de São Leopoldo: dados para entender o fenômeno juvenil na Região* (Cadernos IHU, ano 3, nº 11, 2005); *Discursos à beira do Sinos* (Cadernos IHU, ano 4, nº 18, 2006); *Para além de um monótono estribilho: violência e segurança na perspectiva juvenil – o caso de São Leopoldo* (São Leopoldo, CEBI, 2009); *A vivência religiosa dos jovens da diocese de Montenegro* (São Leopoldo, Oikos, 2011); *O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos* (Cadernos IHU, ano 1, nº1, 2003). Além disso, em São Leopoldo, podemos contar com várias outras publicações como a do PROAME (São Leopoldo)<sup>20</sup> e de outras pesquisas mais particulares<sup>21</sup>, como é o caso da AMMEP<sup>22</sup> e da “Trilha Cidadã”<sup>23</sup>.

Para o nosso estudo, é interessante considerarmos alguns dados que o Observatório da realidade e das políticas públicas do Vale do Rio dos Sinos – ObservaSinós sistematizou, referentes a homicídios de jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA, no ano de 2012, a partir do estudo “Mapa da Violência: Os jovens do Brasil”.

---

18 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 292, 319 e 492.

19 SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. *Direitos da Juventude – Subsídios para o debate. 3ª Conferência Nacional da Juventude. Governo Federal, Brasília, 2015. p. 30-31.*

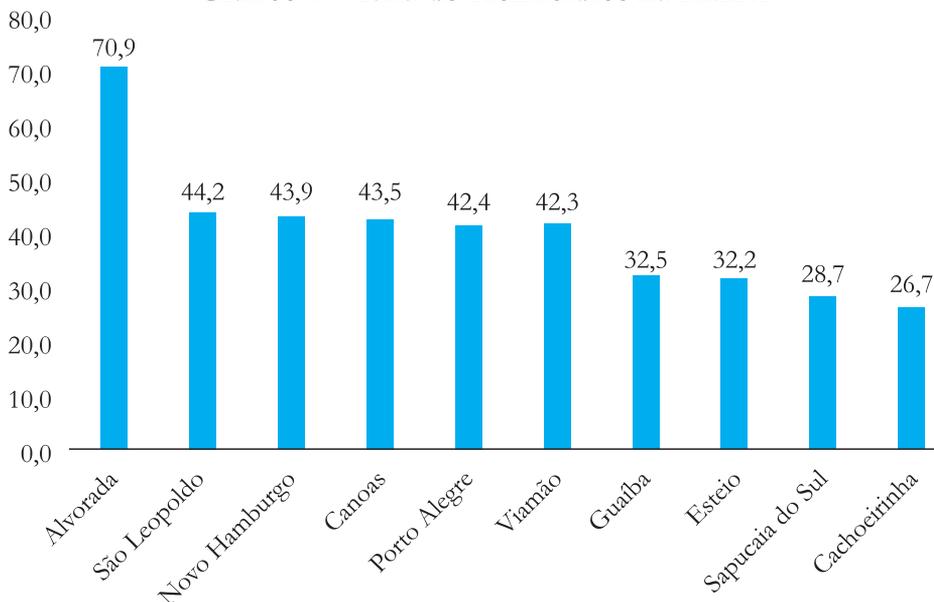
20 Veja MUSSKOPF, André; GARSKE, Jaira Adriana et alii. *Desvelando percepções de uma realidade – o extermínio de adolescentes e jovens*. São Leopoldo, CEBI, 2014.

21 Entre as publicações do PROAME, destacamos: *Criança e adolescente: Futuro no presente – Cartilha para meninos e meninas; Maus-Tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes – Uma abordagem multidisciplinar*. Série Cadernos CEDECA, 1997; *Crianças e adolescentes em situação de rua*, Série Cadernos CEDECA, São Leopoldo/RS, 2002; *Pesquisa: O perfil da escola frente à violência doméstica e ao abuso sexual de crianças e adolescentes*. Série Cadernos CEDECA/PROAME, São Leopoldo, 2003.

22 *Pedagogia Social: discursos e práticas. Um estudo da AMMEP (SL/RS)*, de Cristiane Ramos Vieira. Faculdade de Educação da UFRGS, 2007, Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. In <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2875/1/000390317->>

23 Veja, também, *Juventudes e Adolescências na sociedade leopoldense*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

**Gráfico 1 – Taxa de Homicídios na RMPA**



Fonte: Mapa da Violência 2014 / ObservaSinus – IHU / Reprodução internet.

Dos 34 municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre, 31 registraram homicídios, sendo 29 municípios com mais de 10 mil habitantes. O gráfico 1 mostra os 10 municípios da região que apresentaram as maiores taxas de homicídios. Entre estes 10, constam cinco da Região do Vale do Sinos (São Leopoldo, Novo Hamburgo, Canoas – primeiro, segundo e terceiro lugar, respectivamente –, Esteio e Sapucaia do Sul). Alvorada possui a maior taxa de homicídios, com 70,9, seguida de São Leopoldo, com 44,2, Novo Hamburgo, com 43,9, e Canoas, com 43,5.

A tabela 1 é outra forma de percebermos a taxa de homicídios da região na perspectiva juvenil. Porto Alegre é o município mais populoso da região, também é o que possui a maior taxa com relação aos homicídios de jovens: 97,3%. Alvorada possui igualmente uma taxa elevada com relação aos homicídios de jovens: 172,9%, seguida de Novo Hamburgo, Viamão, Canoas e São Leopoldo. Com relação à população jovem branca, os municípios com maiores taxas de homicídios são Alvorada (182,8), Novo Hamburgo (95,9) e São Leopoldo (78,0).

**Tabela 1 – Número e taxas (por 100 mil) de homicídios nos municípios da RMPA com mais de 10 mil jovens**

<b>Município</b>	<b>Pop. Jovens 2012</b>	<b>Homicídios 2012</b>	<b>Taxa 2012</b>
Alvorada	52.058	90	<b>172,9</b>
Porto Alegre	353.514	344	<b>97,3</b>
Novo Hamburgo	61.424	59	<b>96,1</b>
Viamão	60.350	50	<b>82,9</b>
Canoas	83.266	66	<b>79,3</b>
São Leopoldo	56.942	42	<b>73,8</b>
Esteio	20.842	14	<b>67,2</b>
Guaíba	24.288	16	<b>65,9</b>
Sapucaia do Sul	34.312	19	<b>55,4</b>
Cachoeirinha	30.720	15	<b>48,8</b>
Gravataí	67.312	30	<b>44,6</b>
Sapiranga	19.988	7	<b>35,0</b>
Montenegro	15.544	4	<b>25,7</b>
Taquara	13.059	3	<b>23,0</b>
Campo Bom	16.159	3	<b>18,6</b>
Estância Velha	11.500	1	<b>8,7</b>
Parobé	14.090	1	<b>7,1</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. Mapa da Violência - CEBELA

Fonte: Mapa da Violência 2014 / ObservaSinus – IHU / Reprodução internet.

Em nível de Brasil, os homicídios cresceram 52,3% em Minas Gerais, mas diminuíram significativamente em São Paulo e Rio de Janeiro. Os Estados onde houve mais homicídios de 2002 a 2012 são Maranhão, Pará, Ceará e Amazonas. Nesta década, 556 mil cidadãos foram vítimas de homicídio, verificando-se aumento em 20 Estados. Em 2012 houve 30.072 homicídios de jovens, o que significava 53,4% do total. De 2011 a 2012 os Estados onde houve mais homicídios de jovens foram Roraima, Ceará, Acre e Amapá, mas em 2012 as maiores taxas de homicídio juvenil se localizavam em Alagoas, Espírito Santo, Ceará, Goiás, Bahia e Paraíba.

São do interesse desta pesquisa dois municípios do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo e Novo Hamburgo.

São Leopoldo, cidade conhecida como o “berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul”, tinha, por ocasião da vinda dos imigrantes alemães, uma população com outros tipos de “moradores”: os índios guaranis, que se opuseram, de diferentes formas, à vinda dos 4.856 imigrantes alemães, entre os anos de 1824 e 1830. Havia, também, outros moradores, especialmente escravos negros que se localizavam na Feitoria do Linho Cânhamo, onde se encontra, atualmente, a “Casa do Imigrante”.

São Leopoldo cresceu muito, principalmente em dois aspectos: o aspecto econômico e o aspecto cultural. Economicamente, São Leopoldo é, hoje, uma das economias gaúchas mais significativas. Percebe-se que 140 anos depois da chegada dos imigrantes, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, havia, na localidade, lojas de calçados, olarias, metalurgias, indústrias de borracha, curtumes, cerâmicas, fábricas de calçados e de artefatos de couro. São Leopoldo possui, hoje, um diversificado parque industrial globalizado, além de expressivo setor comercial e de serviços. Situa-se, também, na cidade, o maior polo de informática do estado do Rio Grande do Sul, vinculado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Culturalmente, o município também cresceu muito. Além de seus estabelecimentos de ensino para crianças, adolescentes e jovens, em 1969 ela podia ver implantada, em sua geografia, uma Universidade. No mês de julho a cidade entra em festa para celebrar a imigração alemã, com a conhecida São Leopoldo Fest, recebendo milhares de pessoas e turistas, com sua gastronomia originária, diversos shows com artistas e bandas famosas, comércio, artesanatos, parques de diversões, passeios, oficinas, exposições e palestras. Também é a primeira cidade da rota romântica que desperta todos seus encantos e interesses. Um fato curioso relatado no livro da organista e concertista internacional Anne Schneider informa que São Leopoldo é a cidade do Rio Grande do Sul onde se localiza o maior número de órgãos de tubos do estado, com um órgão feito com tubos de bambu.

No momento atual, 57% das crianças e adolescentes de São Leopoldo com mais de 14 anos estudaram, no máximo, até a quinta série do ensino fundamental; 95,6% da população é alfabetizada. No total, o município possui cerca de 40 mil estudantes nos níveis fundamental e médio e 2.166 professores. Sob a perspectiva do cuidado, o Observatório Juvenil do Vale publicou Juventudes e Adolescências, e um dos capítulos se intitula O encontro de cuidados e contrastes – projetos socioassistenciais para adolescentes e jovens na sociedade leopoldense em confronto com perspectivas adolescente-juvenis do jornal Vale dos Sinos. De alguma forma, a presente pesquisa complementa os dados analisados.

Entre as Escolas de Ensino Médio de São Leopoldo, foram escolhidas, para a aplicação do questionário:

- A Escola Estadual de Ensino Médio CAIC Madezatti, localizada na Av. Integração, 1009, Bairro Feitoria (= Centro de Atenção Integrada à Criança).
- O Colégio São Luís, localizado na Rua Bento Gonçalves, 1375, Centro.
- O Colégio Sinodal, localizado na Avenida Doutor Mário Sperb, 874, Bairro Morro do Espelho.
- A Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva, localizada na Avenida Tomaz Edson, 2158, Bairro Scharlau.

Nestas Escolas foram aplicados aos estudantes do Ensino Médio 137 questionários (86 em Escolas Públicas e 51 em Escolas Particulares). São Leopoldo tem (2014) 14 instituições que trabalham com adolescentes e jovens fora do ambiente escolar. Numa visão geral destas instituições, é bom recordar a pesquisa As margens juvenis de São Leopoldo (IHU Unisinos, 2005), em que se fala, também, das “instituições atuais a serviço da juventude”. Falava-se, na referida pesquisa, de seis instituições (ASPA, Conselho Tutelar, Programa Escolinhas Integradas, PROAME, PRUMO e Serviço de Atenção, Pesquisa e Estudos com Crianças e Adultos – SAPECCA), das quais na atual pesquisa só falamos de uma: o PROAME. Em 1959 funcionava, igualmente, por iniciativa do Padre Cândido Santini, o Lar da Menina São José. O quadro abaixo dá uma visão geral destas 14 instituições que foram vistas mais de perto. Numa visão geral, apresenta-se o seguinte quadro:

### Instituições que trabalham com adolescentes e juventude

Instituição	Origem / Fundação	Fundador	Objetivos	Observações
1. Círculo Operário Leopoldense	1935	P. Cândido Santini	Acompanhar o operariado. Casa da Criança e do Adolescente, Creche, Cuidados com o CASEMI	Federação dos Círculos Operários do Brasil e do RS. Figuras do P. Brentano e do P. Ignacio Valle
2. Centro Medianeira	1958 (com mudanças)	Guerino Roso	Trabalho com os pobres. Educação e Cidadania. Várias oficinas	A história se mescla com a história dos padres pavonianos
3. Associação das Obras Pavonianas	1968	P. Graziano Stablum	Crianças, Adolescentes e Jovens empobrecidos e surdos	Obra Padre Graziano na paróquia São Jorge
4. Centro Talitha Kum	1986	Ir. Maria José dos Reis; Instituto Humanitas Fraternidade	Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Vários projetos	Presença, apoio do P. Cyzo Lima e Fraternidade Palavra e Missão

<b>Instituição</b>	<b>Origem / Fundação</b>	<b>Fundador</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Observações</b>
5. PROAME	1988	Pastor Bertholdo Weber	Prevenção, Situação de Rua, Violência Doméstica, Projeto Travessia	Várias pesquisas publicadas
6. CECAM	1991	P. Orestes Stragliotto	Ações Comunitárias com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade	Em 2001 e 2005 importantes mudanças
7. Instituto Educacional Espírita	1992, em São Leopoldo	Obra da religião espírita	Crianças e adolescentes em situação de risco	Vila Duque
8. CEAMEM	1993 e 2009	Prefeitura	Violência, Território da Paz, Mulheres pela paz, Protejo...	Iniciativa do POD, a partir do PRONASCI
9. Associação Mantenedora Pandorga	1995	Fundadoras anônimas	Atendimento aos autistas	Rede de benfeitores
10. Casa Aberta Padre Cândido Santini	1996	Fundação e ONG	Casa Abrigo M.Emília de Paula e Casa Aberta P.CândidoSantini. Adolescentes e Jovens (6 a 18 anos)	
11. AMMEP	2000 2011 nova sede	Padres Orestes Stragliotto	Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social	Três núcleos: Vila Brás, Tancredo Neves e Loteamento Padre Orestes
12. Instituto Espaço Virtual	2004	ONG com Ana Luisa dos Santos	Acesso à Tecnologia para jovens de 15 a 29 anos	Veja “Manifesto” de março de 2013
13. Trilha Cidadã	2004	Agentes da Pastoral da Juventude	Construir Cidadania com vários projetos e formação para jovens	Tese de Carmem Zeli de Vargas em 2008
14. Instituto Lenon Joel pela Paz	2006	Lenon e Loni Backes	Atividades educativas, esportivas, convívio, oficinas, música	Morte do filho assassinado e envolvimento da comunidade

Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

Vê-se que as entidades surgiram aos poucos, com 21,4% delas surgidas antes de 1970. Se na década de 1980 apareceram duas, na década de 1990 surgiram cinco, e depois do ano 2000, quatro. Isso nos faz recordar que a sociedade leopoldense, na década de 1970, cresceu 34,3% e, na década de 1980, 41,6%. Isso influi não só no surgimento de mais entidades procurando cuidado com adolescentes e jovens, mas também na mudança no modo de encarar a questão social. Se a questão operária está presente no Círculo Operário, no Centro Medianeira marca presença forte a preocupação com a pobreza como tal, resultado do êxodo rural. Depois disso, o cuidado foi-se transferindo mais para crianças, adolescentes e jovens, de forma assistencial. O termo que comanda oito instituições descritas é a vulnerabilidade e a violência, havendo menos preocupação com a profissão, com a doença e, menos ainda, com a formação. Procura-se incentivar mais “ocupação”/convívio do que “formação”, apesar de a tecnologia não estar ausente, nem a oferta de diversas oficinas. Os grandes discursos são sobre as vulnerabilidades, as situações de violência e as crianças e adolescentes.

Outro dado que chama a atenção é que, das 14 instituições, 12 foram fundadas por 05 padres, 01 pastor luterano, 01 pastor espírita, 05 leigos/as católicos/as, sendo somente duas sem tonalidade religiosa. Falando de “cuidado”, este dado é muito significativo porque ressalta o sentido profundo que tem uma atitude de cuidado; por outro lado, é um dado que não deve deixar de questionar a sociedade leopoldense no seu todo.

Novo Hamburgo – Antes da chegada dos primeiros europeus à região, no século XVI, o local habitado por índios carijós e as primeiras povoações permanentes de Novo Hamburgo datam do século XVIII, quando imigrantes açorianos se instalaram na parte noroeste da cidade, no bairro hoje conhecido como Rincão dos Ilhéus. Pouco depois, começaram a aparecer pequenos núcleos urbanos nas colônias. Um deles ficava em Hamburger Berg (que hoje é o bairro Hamburgo Velho), a partir de onde se originou a Novo Hamburgo atual.

Tendo a cidade se emancipado de São Leopoldo, sua industrialização se acelerou, tornando-se um dos polos econômicos do Vale do Sinos. Por muito tempo, a indústria foi praticamente formada apenas pela cadeia coureiro-calçadista, com várias empresas de destaque. A cidade é conhecida como “Capital Nacional do Calçado”.

A preponderância coureiro-calçadista, com forte caráter exportador, permaneceu até o início da década de 1990, quando uma forte crise econômica forçou uma diversificação econômica. A situação foi agravada com a concorrência chinesa nos mercados internacionais.

Novo Hamburgo apresenta razoável quantidade de exemplares arquitetônicos históricos. Ligando o Centro Histórico (Hamburgo Velho) ao atual Centro da cidade, existe um corredor histórico-cultural. Trata-se da Rua General Osório, ao longo da qual se en-

construíram dezenas de prédios históricos de diversas épocas. No distrito de Lomba Grande, existe significativo patrimônio, ainda não reconhecido e devidamente inventariado. A Rua João Aloísio Allgayer, no entanto, também é considerada um corredor de interesse cultural no Plano Diretor.

Novo Hamburgo, no Vale do Sinos, foi a terceira cidade a receber o projeto Diálogos com a Juventude, na Praça da Juventude. No encontro, promovido pelo Governo do Estado, por meio do Pacto Gaúcho pela Educação, foram apresentadas as oportunidades de formação através de programas governamentais, como SISU, SISUTEC, PROUNI e PRONATEC, além de cursos de capacitação oferecidos por entidades, a exemplo do SENAC. O fato de os alunos entenderem como deve se chegar às profissões foi ressaltado pelo então Coordenador de Juventude da Prefeitura: “o jovem precisa saber o que existe de oferta para o ingresso no ensino profissional e superior; precisa saber que hoje o governo disponibiliza várias oportunidades em que pode se engajar e ter o melhor aproveitamento das políticas públicas para o sucesso profissional individual de cada um”. O coordenador de Igualdade Racial de Novo Hamburgo destacou a necessidade de os jovens negros trabalharem a igualdade racial em todas as esferas.

As Escolas de Novo Hamburgo onde o questionário foi aplicado são:

- Fundação Evangélica de Novo Hamburgo (IENH), localizada na Rua Frederico Mentz, 526, Bairro Hamburgo Velho.
- Colégio Estadual Eng. Ignácio C. Plangg, localizado na Rua Guilherme Oscar Ody, 153, Bairro Canudos.
- Instituto Estadual Seno Frederico Ludwig (CIEP), localizado na Rua Amalie Thon, 50, Bairro *Canudos*.
- Colégio Estadual Dr. *Wolfram Metzler*, localizado na Rua Silveira Martins, 979, Centro.

Nessas escolas foram aplicados 126 questionários (20 em uma Escola Particular e 106 em três Escolas Públicas).

A economia de Novo Hamburgo nasceu e se desenvolveu com a indústria do calçado. Foi uma fase muito rápida, persistente e organizada, sendo o município reconhecido como a Capital Nacional do Calçado. Por causa disso, surgiu o chamado setor coureiro-calçadista, formado por curtumes, indústrias químicas, componentes para calçados, indústria metalúrgica e componentes eletrônicos, o setor de plástico e o metalomecânico. O município inclui indústrias de farmácia, vestuário, cosméticos, móveis, eletrodomésticos, gráficas de última geração, informática, química, construção civil, carrocerias, alimentos, entre outras. A Feira Internacional de Calçados e Artefatos de Couro é considerada uma das importantes feiras do setor calçadista. Realiza-se anualmente desde 1963 e, além de

divulgar a cidade internacionalmente, promove o potencial da indústria calçadista na região do Vale do Sinos.

Entre as diversas iniciativas para ir ao encontro dos jovens, podemos destacar o projeto Jovem Aprendiz. Criado em 2007, o projeto é desenvolvido com foco na preparação para o mercado de trabalho e cidadania dos jovens provenientes de famílias de baixa renda, a partir de atividades integradas nas áreas técnicas e humanas. O curso é direcionado à área de informática, mas os alunos participam, também, de aulas de português, inglês e psicologia, palestras e visitas a empresas e eventos de tecnologia.

Em abril de 2015, a Prefeitura de Novo Hamburgo, por meio da Coordenadoria de Políticas Públicas para a Juventude, lançou a Cartilha da Juventude de Novo Hamburgo. O material foi confeccionado em parceria com todas as secretarias do Executivo e distribuída na Praça da Juventude, no bairro Santo Afonso. O evento reuniu escolas de diversos bairros e fez parte das comemorações dos 88 anos de emancipação política de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo conta com uma população de mais de 60 mil jovens entre as idades de 15 e 29 anos. A Cartilha da Juventude serve como um instrumento de cidadania para estes 60 mil jovens, conforme aponta o titular da Coordenadoria de Políticas Públicas para a Juventude, Jean Andrade. A edição do material, numa linguagem simples e em formato de guia, está dividida em 14 eixos, trazendo descrições dos principais serviços e espaços de atendimentos tais como Legislação, Educação, Esporte, Cultura, Saúde.

## 2. Objetivo geral

A pergunta que formulamos para esta pesquisa refere-se à vivência dos valores (sociais, afetivos, políticos, culturais, econômicos e religiosos) dos jovens e adolescentes do Ensino Médio em dois municípios da Região do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo e Novo Hamburgo. O objetivo é perceber a cosmovisão desta juventude/adolescente, incluindo a “religiosidade” real, concreta, ampla, vivenciada (ou não) pela juventude/adolescente dessa região, com a intenção de fornecer elementos para a sua educação. Acreditamos que a percepção dessa realidade é urgente. É uma realidade que está emergindo, mas precisa ser percebida.

Os objetivos específicos são, especialmente, dois:

- I. Perceber a situação social, cultural, religiosa, econômica, afetiva e existencial dos/as jovens e adolescentes do Ensino Médio dos municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo.
- II. Identificar, por meio dos dados pesquisados, o impacto pessoal, familiar, escolar e social (satisfação ou insatisfação) da vivência humana do adolescente e do jovem destes dois municípios. É o que entendemos quando falamos, aqui, de “navegar”.

Embora a pesquisa vá atingir só uma parte das juventudes adolescentes (o segmento do Ensino Médio), será uma forma de conhecer aspectos importantes da sociedade destes dois municípios em certa faixa etária e em certo tipo de jovens e adolescentes. Segundo pesquisas, mais da metade dos jovens gaúchos até 19 anos não terminou o Ensino Médio. Este resultado está abaixo da média brasileira, que foi de 54,3%. Sabe-se que os municípios do Vale do Sinos que têm maior percentual de educação profissional de nível médio são o município de **Portão** (37,29%), seguido de **Novo Hamburgo** (33,98%). Um estudo mais aprofundado destes dados seria necessário para que se pudesse compreender a redução no número de matrículas do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, nesses dois municípios, de 50,10% para 32,46%, respectivamente. Outro dado bastante evidente é a elevação nos percentuais de reprovação e abandono escolar durante o Ensino Médio, tanto na média estadual quanto nos municípios do Vale do Rio dos Sinos, com exceção do

percentual de reprovação nos municípios de **Ivoti, Novo Hamburgo e São Leopoldo**. Os dados coletados, além de oferecer uma compreensão mais profunda dos adolescentes e jovens, poderão ocasionar orientação para subsídios e iniciativas pedagógicas para todos os que trabalham com este universo pesquisado, o que nos aparece como uma grande necessidade.

A pesquisa assume conhecer mais profundamente este segmento porque, com o avançar da tecnologia e das informações e comunicações, está-se tornando mais difícil falar de realidade juvenil. É muito engano, por exemplo, pensar que as tecnologias somente estejam ajudando a sociedade e as juventudes e que dão uma visão completa deste universo. Não é por moralismo que os bispos da América Latina falam, por exemplo, do uso indiscriminado e excessivo da comunicação<sup>24</sup>. O contato direto nunca deixará de ser real, assim como a pobreza nunca será somente virtual.

Nem sempre temos noção, ou não nos damos conta, do que é a juventude. Dizer que os jovens, no Brasil, são 51,3 milhões, por vezes, não nos fala muito. Nem basta dizer que o número de jovens no Brasil é maior do que toda a população da Argentina (41,9 milhões), do que a população da Colômbia (47,7 milhões), do que os habitantes da Espanha (47,2 milhões), maior do que a população de toda a Austrália (22,6 milhões) ou do Canadá (34,8 milhões). O quantitativo não vale; o que vale é o individual, não o coletivo. Não queremos saber muito de quem anda ao nosso redor. O biológico não importa muito, porque “o jovem é mais complexo”... Quando se olha uma multidão de cerca de três milhões de jovens nas praias de Copacabana, nem sempre nos lembramos de que essa multidão não representa nem 6% dos jovens do Brasil ou que essa multidão corresponde ao número de jovens que participam, no Brasil, de algum movimento religioso juvenil. Tanta gente e, ao mesmo tempo, tão poucos...

Os dados dizem que os jovens católicos são, no Brasil, cerca de 29 milhões e que, dos 51 milhões, quase 31 milhões são de cor parda ou negra<sup>25</sup>; ou, então, que mais de 26 milhões de jovens brasileiros já perderam algum parente em homicídio ou morto por algum acidente. Os jovens aparecem quando matam, mesmo sabendo que a grande maioria dos assassinatos não é cometida por jovens. Estes dados não fazem parte do exótico com o qual a sociedade, a mídia, as revistas e jornais vestem as nossas juventudes. Se perguntássemos, para estes/as jovens, quais são os maiores problemas que os preocupam, eles/as fariam: 1) Da falta de segurança (violência). A casa de todo jovem é a rua e ela está perigosa; é ruim quando a vida é um perigo. 2) Da questão do emprego (profissão). O medo

---

24 CELAM. Documento de Aparecida, n° 445.

25 Interessante perceber que na pesquisa publicada em 2005, intitulada *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma Pesquisa Nacional*, 42% dos jovens se consideravam negros ou pardos ao passo que oito anos depois esta percentagem chega a 60%.

de sobrar não deixa de ser uma realidade. 3) Da saúde e da educação. É uma preocupação um tanto estranha para a juventude, mas é uma verdade que está emergindo; aliás, ainda hoje, o que importa é, muitas vezes e somente, a saúde das crianças... 4) Do cuidado com a educação. Mesmo que isso não signifique uma mobilização para mudar a situação, o grito de descontentamento se ouve em muitas esquinas. 5) Das drogas. Entre muitos aspectos relacionados com a droga, entra a questão do sentir-se “empoderado”, mas a droga é real. A droga convive e é feita conviver em todos os lugares<sup>26</sup>.

Segundo outra pesquisa<sup>27</sup>, 50% dos jovens brasileiros de 18 a 24 anos mostram-se mais conectados com discursos coletivos do que individualistas; 30% vão com discurso moderado (transitam) e 20% com discurso individualista; 67% discordam da afirmação de que só pensa em fazer algo pela sociedade se tiver algum benefício para si próprio; 74% dizem se sentir na obrigação de fazer algo pelo coletivo no seu dia a dia; 79% concordariam em utilizar parte de seu tempo livre para ajudar a sociedade<sup>28</sup>.

Se o que foi dito é verdade, o que podem dizer estas diferenças de “interesses”? Elas fazem parte de uma possível compreensão das juventudes? Estas diferenças ajudam a entender os jovens? Ajudam para o jovem compreender-se a si mesmo? Ajudam para quem deseja relacionar-se com as juventudes? Parecem-nos perguntas que precisam ser feitas não somente por alguns. O questionário se torna ainda mais instigante se tomarmos outros pormenores nestas diferenças. Por que o assunto “religião” é uma fonte mais forte de conversa com os pais, menos com os amigos e, menos ainda, com a sociedade? A religião é do mundo da privacidade ou um espaço onde o/a outro/a merece tomar posturas realmente pessoais?

Uma coisa são os fatos que preocupam as juventudes (prender a atenção, dar cuidado, tornar apreensivo, impressionar) e outros os que incomodam (importunar, desgostar, enfadar, irritar). Se a política está em terceiro lugar no mundo das preocupações, a corrupção se coloca em primeiro lugar no campo dos incômodos. O incômodo ou a preocupação está realmente na política? Mais adiante os dados da pesquisa Participatório vão dizer que 54% dos jovens acham a política muito importante e 91% dos jovens acham

---

26 Todos esses dados são tirados de PARTICIPATÓRIO. Secretaria Nacional da Juventude. *Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013*. Gov. Federal, Brasília, 2013.

27 *Sonho Brasileiro Box 1824 – Um estudo sobre o Brasil e o futuro a partir da perspectiva do jovem de 18 a 24 anos. Um novo Brasil e uma nova geração.*

28 Conectar-se com um discurso coletivo não significa já estar agindo pelo coletivo. 70% têm vontade de participar de projetos comunitários, especialmente nas áreas de cultura, meio ambiente, educação, esporte e tecnologia. A religião conta com 11%. Pensar no outro não exclui pensar em si mesmo. Se 59% acham que é preciso pensar antes em si do que nos outros, 77% afirmam que seu bem-estar depende da sociedade onde vivem.

que podem mudar o mundo. Se “ser político” é ser construtor de comunidades ou de convivências solidárias, a mudança do mundo ainda se apresenta como uma utopia. Com menos intensidade, incomodam, também, o poder dos traficantes e a desigualdade entre ricos e pobres. Parece que o econômico ainda não penetrou nas entranhas da juventude e, por isso, nem nas entranhas das incomodações. O racional e o emocional têm percepções diferentes. Podemos dizer que estamos frente a uma geração em que o sentimento ainda fala mais alto do que a razão. A geração de jovens que está nos dados que temos ainda é mais dionisíaca que apolínea, numa leitura onde Apolo é o deus da razão, da organização, do planejado e do factível, e Dionísio é o deus do corpo, do prazer, do sentimento, da paixão, do coração.

Um tanto contraditoriamente, 53% das juventudes afirmam que o governo brasileiro conhece as necessidades dos jovens, mas não fazem nada para resolver esta situação; 44% afirmam conhecer algum projeto ou programa de governo dirigido à juventude. Contudo, a juventude, na boca da sociedade, ainda é mero discurso. Um dos sintomas que podemos encontrar no próprio Estatuto da Juventude, no qual um dos parágrafos se referia ao investimento econômico na implantação do Estatuto, foi vetado.

### 3. Metodologia

O caminho desta pesquisa inclui: (1) o estudo rápido da realidade dos dois municípios na perspectiva especialmente escolar, sociológica e cultural; (2) o levantamento de possíveis pesquisas existentes sobre a região ou alguns estudos mais expressivos, em suas semelhanças e diferenças; (3) a elaboração, aplicação e análise de um questionário aplicado junto aos e às adolescentes/jovens sem escolas de Ensino Médio dos dois municípios, procurando atingir este segmento em sua globalidade; (4) a organização dos primeiros dados, provocando encontros com jovens e educadores da região para amadurecer os dados conseguidos.

A pesquisa atingiu jovens/adolescentes dos 14 aos 17 anos de idade, frequentando o Ensino Médio nas Escolas dos municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo. A grande maioria dos entrevistados (76,1%) tinha entre 15 e 16 anos; 16,7% tinham 17 anos; 4,2%, 14 anos; e 2,7%, 18 anos ou mais. A investigação constou: a) de uma pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica; e b) da aplicação e leitura de um questionário a ser aplicado em 08 Escolas de Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Foram aplicados 263 questionários válidos. O número de questionários aplicados nas diversas Escolas foi correspondente ao número total de alunos do Ensino Médio da respectiva Escola.

Os questionários aplicados geraram dados quantitativos, lançados em software SPSS (Statistical Package for Social Sciences), sendo geradas as frequências e as associações entre as variáveis, para a posterior análise quantitativa dos dados. Após uma primeira organização dos dados, são formadas “oficinas” tanto de adolescentes e jovens como de educadores/as para ajudarem na interpretação dos dados coletados. Após estas análises serem debatidas e redigidas, são feitos vários tipos de impressão dos dados, junto com subsídios e metodologias de debate.

O questionário aplicado já tinha sido experimentado, em parte, numa pesquisa sobre a vivência religiosa de uma diocese semirural rodeada por dois grandes centros (metrópoles) urbanos da região (Caxias do Sul e Porto Alegre). Procurou-se entrevistar adolescentes/jovens especialmente de Escolas Públicas, não deixando de lado Escolas Particulares, todas elas confessionais. É importante recordar que o objeto de nossa pes-

quisa foram os adolescentes/jovens do Ensino Médio, o que delimitou o campo de pesquisa para o mundo da educação no campo juvenil.

Numa breve visão, queremos recordar alguns aspectos:

- I. Pelos dados do *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (IPEA), no Brasil, menos da metade (48%) dos adolescentes (15 a 17 anos) frequentam o Ensino Médio. Para São Leopoldo isto significa que o município tem 5.367 adolescentes no Ensino Médio e que 9.559 adolescentes não concluíram o Ensino Fundamental. Penetrando no campo do Ensino Médio, vamos nos defrontar com a desigualdade regional, de área urbana, de raça, de renda e de gênero.
- II. As taxas de homicídio entre os jovens pretos e pardos é de 149 por 100 mil habitantes no Brasil, ao passo que entre os brancos é de 69 por 100 mil habitantes. Como afirma Jorge Abrahão<sup>29</sup>, nosso sistema educacional é muito ineficiente, e dois desafios que se apresentam para a escola são a qualidade e a atratividade.
- III. Olhando o campo que pretendemos abarcar e analisar, é bom nos darmos conta de que o envelhecimento brasileiro está acontecendo de forma muito rápida, o que significa um grande desafio para o mundo dos adolescentes e jovens que desejamos estudar.

Acreditamos que essa delimitação esclarece o objetivo da pesquisa, visando-se um campo específico. Quando se liam os dados recolhidos, lia-se num jornal de Porto Alegre que a morte de adolescentes havia aumentado 61,0% de 2014 para 2015; que 62,0% das vítimas não tinham antecedentes criminais, sendo mortos de graça; que 36,0% eram alvo de bala perdida; que somente 38,0% dos assassinados estudavam; que 30,0% tinham 15 anos, 32,0% 16 anos e 24,0% 17 anos<sup>30</sup>. É a idade dos adolescentes que vamos estudar, com a diferença de estes serem estudantes do Ensino Médio.

Embora não pertença à área de nossa investigação, é sintomático o que aconteceu em setembro de 2014 em Gramado e Canela, região próxima a Novo Hamburgo. Dizem as notícias que uma menina de 14 anos, moradora de Canela, e uma garota de 18 anos, moradora de Gramado, se suicidaram, depois de comunicar isso ao grupo delas, isto é, tendo feito um pacto de morte. Outras três adolescentes se automutilaram. Um rapaz teve um surto psicótico e teve de ser atendido. Um dia antes, uma das amigas, que tomava antidepressivos, distribuiu os fármacos para todas as demais. Em abril de 2015, outro jovem, de 18 anos, também de Gramado, se suicidou e a polícia quer reabrir o caso para investigar a possibilidade de ele também pertencer ao pacto, já que era amigo da vítima de Canela (18) e morador da mesma rua que a outra garota.

---

29 VARIÍ. *Juventudes: Possibilidades e Limites*. Brasília, UNESCO e UCB, 2011, p. 81-96.

30 *Zero Hora* de 13 de julho de 2015, páginas 5 a 8 do 1º Caderno.

## 4. Tripulantes do barco

Repetindo alguns dados, o município de São Leopoldo tinha, em 2013, 5.687 matrículas no Ensino Médio e 10.870 adolescentes de 15 a 17 anos. O universo que pesquisamos apresenta o seguinte mapa: dos 263 entrevistados, 53,6% são do sexo feminino e 46,0% são do sexo masculino. Os entrevistados são do 1º ao 3º ano do Ensino Médio: 36,9% do 1º ano, 44,1% do 2º ano e 18,6% do 3º ano; 76,1% dos entrevistados têm 15 ou 16 anos; 27,4% estudam em Colégio Particular e 72,6% em Colégio Público. Se 12,9% não pretendem fazer a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), 86,7% desejam enfrentar este desafio. Contudo, 94,7% pretendem continuar os estudos após o Ensino Médio.

A vida comunitária ou grupal é, aparentemente, frágil, porque 76,8% afirmam que não participam de algum grupo de jovens. Não se falava de grupo de jovens de igreja. No teste experiencial do questionário, 61,5% afirmavam que eram da mesma religião que a mãe, mas na visão total da pesquisa esta percentagem vai para 76,0%. De 263 entrevistados, 19 (7,6%) pretendem não formar família nem ter filho. Destacam-se o Colégio São Luís e o CIEP, endossando um discurso semelhante a este: nunca tive vontade de ser mãe ou de me casar. Acredito que namorar é infinitamente mais gostoso que casar e, quanto a ter filhos, acho que são uma responsabilidade muito grande. Um filho é uma vida a mais no mundo, é uma pessoa a mais com quem se preocupar. Se você quer um casamento, se você quer filhos, ótimo, busque isso! A grande sacada é que cada um deve buscar aquilo que é melhor para si mesmo. As escolas onde mais se afirma que se deseja formar família e ter filhos são o Sinodal, de São Leopoldo, o CIEP e o Wolfram Metzler, de Novo Hamburgo.

Considerando a raça e a etnia, a maior percentagem dos/as entrevistados/as são brancos/as (71,5%); 17,9% afirmam-se pretos/as ou pardos/as; 8,7% dizem-se amarelos/as. Nas oito escolas onde se efetivaram entrevistas, em três não havia alunos pretos. A grande maioria (92,8%) mora com os pais e mais da metade (58,2%) só estuda; 20,2% estuda e trabalha com salário e 8,7% gostaria de estar trabalhando. Os entrevistados que têm internet em casa somam 86,3%, e 74,1% têm celular com internet; quase ninguém costuma frequentar *lan houses*.

Por fim, nas respostas aparecem nove pertencas a diferentes religiões. Se 45,6% se afirmam católicos, 22,8% dizem-se evangélicos e 20,9% declaram-se sem religião. Chama a atenção que 51,6% dos entrevistados no Colégio Sinodal são católicos e 44,8% do CIEP de Novo Hamburgo são evangélicos. As definições religiosas usadas pelos entrevistados

são, além da católica e da evangélica: adventista, cristã, espírita, últimos dias, luterana, protestante e umbanda.

Talvez sejam dados secundários, mas todos têm direito a saber qual o tipo de universo do qual saíram os dados que serão comentados. Infelizmente, no Brasil, é uma minoria que chega ao Ensino Médio, mas é um universo que precisa ser conhecido. O questionário não buscou obter dados econômicos pessoais nem da família, mas há alguns dados que apresentam possibilidades de leitura. O que significa, por exemplo, o fato de que 92,8% moram com os pais; que 58,2% (acrescentando estudo e escola técnica = 66,6%) só estudam, sendo que somente 27,4% são da Escola Particular; que 20,2% trabalham com salário e somente 2,3% afirmam que não trabalham porque não precisam; e que 96,6% não precisam recorrer a *lan houses*? Seria demais dizer que estamos diante de um grupo que, além de ter recursos, supera bastante a lista dos “necessitados”? Teria isso algo a ver com a indefinição dos entrevistados (19,8%) com relação à pergunta sobre os pobres, considerando que os pobres são pobres porque são vagabundos e relaxados? Embora 70,0% sejam contrários a esta afirmação e somente 9,5% sejam a favor, pode ser considerado problemático ou preconceituoso o fato de 29,3% estarem a favor ou na dúvida? Os três colégios que mais afirmam a “vagabundagem” dos pobres são de São Leopoldo, sendo um Particular e dois Públicos.

#### 4.1 Mapa dos afetos

Na leitura dos dados procuraremos destacar dois grandes capítulos: o primeiro falando dos sentimentos juvenis, e o segundo, das posturas juvenis. Precisamos ter presente que os dados que vamos analisar são dados de adolescentes de 15 a 17 anos.

Quando se fala de “sentimento”, de “mapa dos afetos”, queremos falar de “sensibilidade”, de “aptidão para sentir”, de “compreensão”, de “percepção”; embora os afetos sejam de todos, os afetos dos adolescentes sempre serão especiais. Há muitos substantivos que se aproximam de “sentimento”: sofrimento, comoção, sensação, impressão, emoção, experiência, simpatia, afeição, paixão, animação, etc. No sentimento se ri e se chora; com o sentimento se sofre e se faz festa. As adolescências vivem muitos sentimentos, muitos afetos, e o mais comum é ver adolescências sorrindo. Diante da novidade a reação mais bonita é o riso. Mas, na sua verdade e na sua particularidade, quais seriam alguns sentimentos das adolescências do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo? Enfim, escolhemos a palavra “afeto” e a pergunta é: por onde anda, onde mora, onde navega o afeto dos estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo? O afeto é um “estado de espírito”. Profanando um pouco o conceito, estamos ante uma “mística” que pode ser mais e menos elevada, mais e menos positiva, mais e menos agressiva, mais e menos alegre. Os afetos que analisaremos pertencem ao interior dos entrevistados diante

da vida, seu afeto com a escola, o lugar dos amigos/as (especialmente na escola) e seu afeto com a vizinhança, isto é, com o local onde mora. Destacamos cinco pontos do “mapa”:

### **A vida tem sentido?**

Uma das questões feitas aos entrevistados/as referia-se ao sentido da vida<sup>31</sup>. Uma questão direta, fundamental e forte. Tratava-se de posicionar-se frente ao sentido, ou não, da vida. Não havia muitos subterfúgios; entre o concordar e o discordar, os estudantes poderiam mostrar-se indecisos, o que aconteceu com 20,3%. Essa resposta é pelo fato de não entender a questão? É não querer responder? A questão foi entendida, mas não era esperada? A primeira reação (de teste) apresentava um resultado de 79% dizendo que a vida tem sentido. Faz recordar uma das melhores pesquisas sobre juventude no Brasil<sup>32</sup>, em que 74% dos jovens entrevistados diziam que havia mais coisas boas do que ruins na juventude. Este dado, contudo, na aplicação mais ampla da presente pesquisa, baixou para 69,7%. Dizer que a intensidade é baixa para o tipo de questão, é uma leitura. Quem não gostaria de dizer que a vida tem sentido? Vale recordar que numa pesquisa com os jovens da diocese de Montenegro (RS), em 2011, uma diocese situada fora do âmbito de uma grande metrópole, as respostas davam 90,3% a esta questão<sup>33</sup>.

Olhando a mesma questão de outros ângulos, vemos que, na intensidade da afirmação, o feminino vence o masculino em otimismo; que os pretos e pardos vencem os brancos (89,8% x 67,7%); que o 2º ano do Ensino Médio ganha do 3º ano no apreço à vida. Percebe-se, igualmente, que o estar bem com a vida se localiza mais nas Escolas Públicas do que nas Escolas Particulares (71,9% x 66,1%) e que este estar bem com a vida decresce com os anos; isto é, se a afirmação do “ter sentido” corresponde à intensidade do ser feliz, os/as de 15 anos são mais felizes que os/as de 17 anos; com o correr dos anos o sentido da vida é menos intenso. Fica claro, igualmente, que a tendência para discordar – isto é, a afirmação de que a vida não tem sentido – se localiza também em dois Colégios Públicos, um de São Leopoldo e outro de Novo Hamburgo.

### **Você está feliz?**

Havia outra questão de teor semelhante: Eu sou infeliz<sup>34</sup>. É outra afirmação sobre o afeto vivido, em geral. A percentagem dos que concordam é 22,8% (sou infeliz), 68,7% discordam e os que ficam indecisos são (somente) 8,4%. A percentagem dessa questão

---

31 Questão 17: “A Vida tem Sentido”.

32 *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. Instituto Cidadania, 2005.

33 DICK, Hilário; FERREIRA, José Silon; CERVEIRA, Luís Alexandre. *A vivência religiosa dos jovens da diocese de Montenegro*. São Leopoldo, Oikos, 2011, p.86.

34 Questão 18: “Eu sou infeliz”.

com a anterior praticamente se identifica, porém numa das escolas a concordância é de 35,2% e, noutra, 28,0%. Os meninos se afirmam mais infelizes (24,1% x 15,0%), assim como é significativamente mais forte este discurso nas Escolas Públicas. É levemente maior, igualmente, a percentagem dos “infelizes” nos pretos e pardos do que nos brancos. A questão é clara e as respostas são significativas.

Segundo um relatório elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU), de 2013, o Brasil ocupa a 24ª posição no mundo (entre 254 países) quando o assunto é a felicidade da população<sup>35</sup>. Haveria, em nosso caso, uma exigência conceitual com relação ao que seja felicidade considerando que somente 68,7% se afirmam felizes? A discordância com a infelicidade é maior nos Colégios Particulares do que nos Colégios Públicos; também é maior nos pretos e pardos do que nos brancos; é maior, também – algo que pode não ser estranho – nos que não participam de grupo do que naqueles que dizem participar de grupo.

### **Suicídio tem vez?**

Pode-se dizer que o suicídio<sup>36</sup> não está no mapa dos entrevistados/as; o mínimo de possibilidade que há, situa-se mais fortemente no mundo feminino. Dos 18,1% que já pensaram em suicídio, a maioria (com pouca diferença) é do mundo feminino. Há Colégios em que a percentagem dos que pensaram nesta possibilidade chega a 30,0%; em outro chega a 27,4%. A percentagem maior está entre a etnia branca e amarela; 40,4% deles são católicos e 25,5% são evangélicos. É nos 15 anos que a tentação do suicídio é mais forte. Dos que pensaram em suicídio, 17,5% participam de algum grupo de jovens. Dos suicídios entre jovens no estado do RS, 8% ocorreram no Vale do Sinos, conforme Mapa da Violência: Os jovens do Brasil (IHU, 6 de agosto de 2014).

Segundo o Mapa da Violência de 2014<sup>37</sup>, não temos ainda, no Brasil, uma cultura suicida, verificando-se (de 2002 a 2013), contudo, um crescimento de 15,3% nesta matéria. Diz o mesmo Mapa que os polos dinâmicos do suicídio se encontram fora das capitais dos Estados. As capitais do Brasil onde se verificam as maiores taxas totais de suicídio da população jovem são Boa Vista (RR) e Teresina (PI). Quanto aos suicídios nos municípios de 20 mil habitantes ou mais, verifica-se que, de 100 municípios do Brasil, na população jovem, o RS entra com 10% dos municípios (de 100). As maiores taxas, no RS, estão em Cruz Alta e Venâncio Aires, não entrando – neste quadro – nem São Leopoldo nem Novo Hamburgo.

---

35 Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2013/09/relatorio-da-onu-coloca-brasil-na-24-posicao-em-ranking-da-felicidade-4262865.html>>. Acessado em: 14 dez. 2015.

36 Questão 22: “Já pensei em suicídio”.

37 WAISELFISZ, Júlio. Rio de Janeiro, 2014.

Colocava-se, também, a questão do “pacto de morte”<sup>38</sup> que alguns adolescentes e jovens faziam ou fazem na região<sup>39</sup>, não especificamente nos dois municípios que analisamos. A discordância é contundente: 91,6%. Um dos Colégios de São Leopoldo é o que mais concorda com este tipo de pacto; 15% das respostas, isto é, de nove respostas a favor, três são deste Colégio: quatro meninas e cinco rapazes afirmam concordar; o mesmo número fica indeciso na resposta. A grande maioria que concorda com o pacto diz-se de cor branca e mora com o/a companheiro/a. A concordância é maior em São Leopoldo do que em Novo Hamburgo.

### **Estás bem na escola?**

Com respeito à escola, houve duas afirmações: 1) não gostariam de sair da escola em que estão<sup>40</sup>; 2) a escola é um lugar onde me sinto bem porque lá encontro verdadeiros/as amigos/as<sup>41</sup>. A questão também trata de um “sentimento”, porque a escola é um espaço fundamental para quem está no Ensino Médio. Ela deve ser não somente o preenchimento de uma exigência, mas um eixo integrador: um lugar onde o estudante se sinta crescer como pessoa, o que faz ter vontade de ficar e ser um lugar de criar amizades. Se 14,6% desejam sair da escola em que eles estão, 9,9% ficam indecisos; há três Escolas Públicas onde este “êxodo” é mais desejado. Num deles a percentagem chega a 26,0% (Escola Estadual Olindo Flores da Silva). Observa-se que a vontade de mudar de escola é, especialmente, dos/as que vivem sozinhos/as.

De alguma forma, estes números têm algo a ver com a segunda questão: a escola como lugar de amigos. Concordam especialmente com a questão dois Colégios Particulares. Ficam mais indecisos três Colégios Públicos. Num Colégio Público de Novo Hamburgo e num Colégio Particular de São Leopoldo, verifica-se a maior afirmação do Colégio como um lugar de verdadeiros amigos. Com relação a esta afirmação há, no entanto, uma relativa diferença de opiniões: enquanto 52,1% concordam com o teor da afirmação, 21,7% discordam e 24,3% ficam indecisos. Embora em duas Escolas a concordância chegue a 70%, no geral a questão fica indefinida: 52,1% x 46,0%. A diferença das posturas dos estudantes dos Colégios Particulares para os Colégios Públicos é bem significativa (63% x 49,1%). As causas podem ser várias, mas a situação econômica e, muitas vezes, a ambientação, não deixam de ser fonte de uma reação psicológica positiva, provocada, igualmente, pelo poder pagar e pelo não poder pagar. O encontro, ou não, das “classes” não pode ser esquecido.

---

38 Questão 23: “Concordo com o ‘pacto de morte’ que adolescentes/jovens fazem.”

39 Referimo-nos aos suicídios de adolescentes nas cidades turísticas de Gramado e Canela, na serra gaúcha em setembro de 2014. Uma delegada do local dizia que estes adolescentes possuem um grande vazio existencial que vem a ser suprido por outros aspectos, como o religioso.

40 Questão 34: “Gostaria de sair de minha escola e entrar noutra onde me sentisse melhor”.

41 Questão 41. “A escola é um lugar onde me sinto bem porque lá encontro verdadeiros/as amigos/as”.

## O lugar onde moras é violento?

Outra relação “afetiva” do estudante do Ensino Médio se refere ao local de moradia. Diante da afirmação o bairro onde moro é violento, a reação de discordância é de 46,5%, de concordância, 29,3%, e de indecisão, 23,2%, resultando numa questão controversa<sup>42</sup>. As respostas dos Colégios Públicos são de 25,2% e as dos Colégios Particulares 16,9%; as respostas femininas são de 23,1% e as masculinas de 33,3%. Assim como os estudantes dos Colégios Particulares se sentem rodeados de menos violência, estranhamente os rapazes sentem mais a violência do bairro que as meninas. Se 42,5% dos pretos e pardos sentem a violência do bairro, o mesmo acontece somente para 25,5% dos brancos. Especialmente os estudantes de dois colégios de Novo Hamburgo sentem a violência do local: o Instituto Estadual Seno Frederico Ludwig e o Colégio Estadual Eng. Ignácio C. Plangg. Fica evidente que a violência é menos afirmada pelos estudantes de Escolas Particulares.

Por outro lado, perguntando aos entrevistados se gostam do bairro onde moram<sup>43</sup>, os dados apontam que, embora 65% gostem de morar onde moram, os estudantes dos Colégios Particulares (embora sintam menos a violência) gostam menos do bairro em que moram do que os estudantes dos Colégios Públicos. O mesmo vale para o “não gosto do bairro”: os “particulares” são mais exigentes do que os “públicos” (18,0% x 15,4%). Assim, pode-se dizer que os estudantes do Colégio Particular são mais “exigentes” que os do Colégio Público. Assim como os brancos gostam mais do bairro onde moram, também são os que gostam menos. Os brancos são mais insatisfeitos.

Concluindo: o “mapa dos afetos” ajuda a termos uma visão mais de conjunto dos sentimentos analisados. Sem absolutizar as porcentagens, a partir do que vimos nos afetos adolescentes, o mapa da intensidade dos sentimentos oferece dados a pensar. Se a vida tem sentido, de fato, somente para 69,7%; se somente 67,7% se consideram, de fato, felizes (com 22,8% afirmando-se infelizes); se 18,1% já pensaram em suicídio; se somente 52,1% consideram a escola como um lugar de encontro de amigos, vemos que o mapa dos sentimentos merece análise. No mapa dos afetos também entrou o bairro e a escola, mas deixamos a família para outro momento.

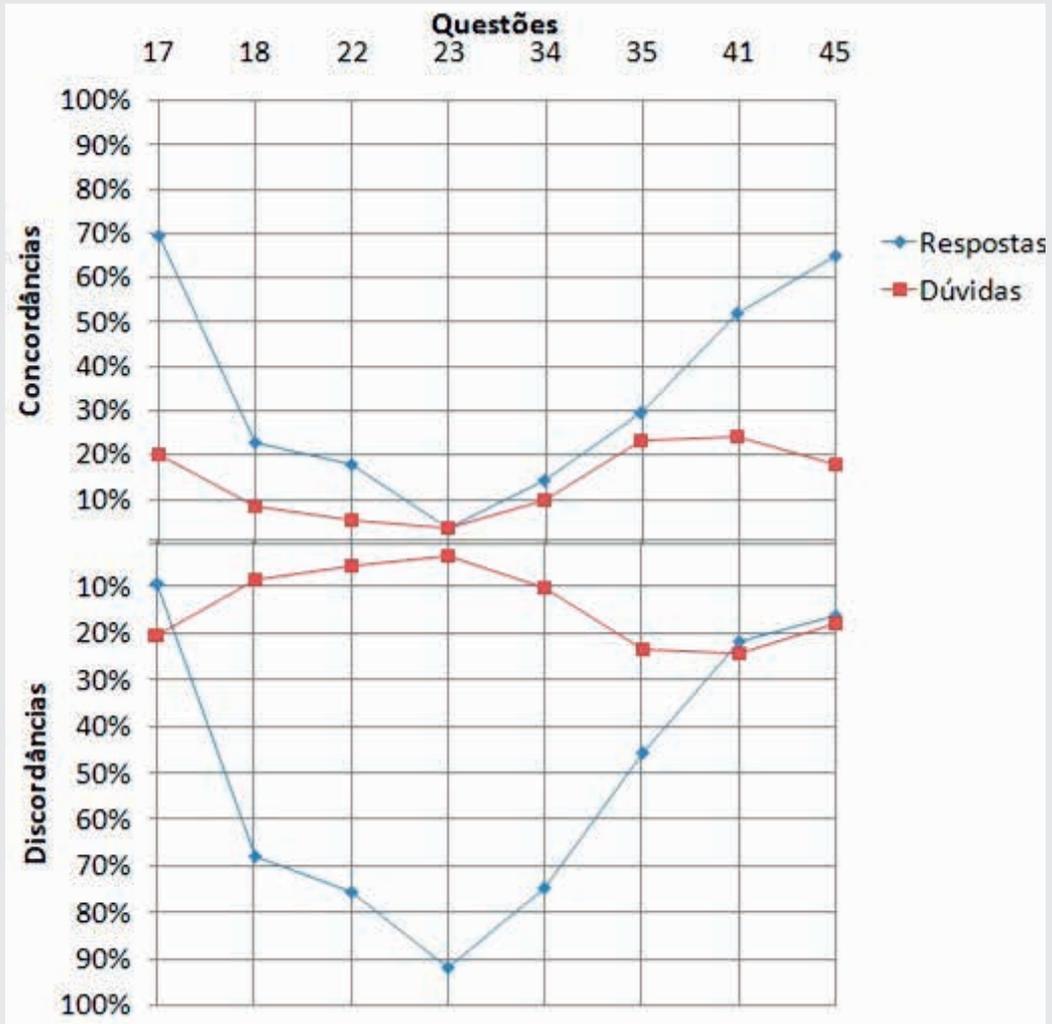
Na perspectiva das concordâncias chamam a atenção dois assuntos: a afirmação do sentido da vida (questão 17), o reconhecimento da escola como lugar de verdadeiros/as amigos/as (questão 41) e o gosto de morar onde mora.

---

42 Questão 35: “O bairro onde eu moro é violento”.

43 Questão 45: “Gosto de morar onde moro”.

Quadro 01 – Mapa dos afetos



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

**CONCORDÂNCIAS:**

17 = A vida tem sentido – 69,7%; 18 = Eu sou infeliz – 22,8%; 22 = Já pensei em suicídio – 17,8%; 23 = Concordo com o “pacto de morte” que adolescentes/jovens fazem – 3,4%; 34 = Gostaria de sair de minha escola e entrar noutra onde me sentisse melhor – 14,4%; 35 = O bairro onde moro é violento – 29,3%; 41 = A escola é um lugar onde me sinto bem porque lá encontro verdadeiros/as amigos/as – 52,1%; 45 = Gosto de morar onde moro – 65,0%.

**DISCORDÂNCIAS:**

17 = 9,1%; 18 = 67,7%; 22 = 75,3%; 23 = 91,6%; 34 = 74,6%; 35 = 45,6%; 41 = 21,7%; 45 = 16,0%.

**DÚVIDAS:**

17 = 20,2%; 18 = 8,4%; 22 = 5,3%; 23 = 3,4%; 34 = 9,9%; 35 = 23,2%; 41 = 24,3%; 45 = 17,9%.

Numa pesquisa feita com os jovens da diocese de Montenegro, a questão da felicidade chegava a 90,3%; no campo das discordâncias, o mapa é mais turbulento: 1) a rejeição quase total do “pacto de morte” dos adolescentes/jovens (questão 23); 2) a discordância intensa da tentativa de suicídio (questão 22), bem como a discordância com a vontade de sair da escola em que os entrevistados estão (questão 34); 3) a negação da infelicidade (questão 18). A maior indefinição encontramos na avaliação do bairro em que os entrevistados/as moram e na escola como lugar de verdadeiros/as amigos/as. Pode-se dizer que os/as entrevistados/as não se deixam levar nem por situações negativas nem por afirmações negativas. Os exemplos ficam claros na questão da infelicidade, do suicídio, do “pacto de morte” e da indução do sair da escola porque não se sentem bem. Se são intensas as concordâncias, são intensas também as discordâncias.

## **4.2 O/A adolescente não só sente: pensa posturas e propostas**

A partir do questionário aplicado ressaltamos, em segundo lugar, ao que chamamos de “posturas” e “propostas”, no sentido de atitudes frente a diferentes realidades. Trata-se de posturas e propostas mais racionais e objetivas e menos emotivas e subjetivas. Distinguimos posturas políticas, posturas culturais (incluindo a família), posturas religiosas e posturas frente a realidades juvenis. Mais do que percepções, são reações; mais do que sentimento, funciona a razão.

### **4.2.1. Posturas sociopolíticas**

Quando se fala de uma “postura sociopolítica”, fala-se da maneira de uma pessoa situar-se, de uma forma de pensar e agir de acordo com suas ideias ou seus pontos de vista. São atitudes de cidadania. A pessoa toma um lado. A postura pode ser frente a afirmações, fatos bons e/ou ruins, convicções, ideologias. Trata-se de posicionar-se. Acentuaremos, por isso, sete aspectos que extraímos das 39 questões apresentadas e que julgamos afetar os estudantes de Ensino Médio. Falamos de atitudes sociopolíticas porque atingem questões nestes dois campos. Trata-se de atitudes relacionadas com a construção ou não construção da convivência e da comunidade.

#### **Tráfico, questão de dinheiro?**

O tráfico de drogas e a questão dos traficantes preocupa e ocupa a sociedade, as famílias e muitas outras instituições. Pode não ser uma questão “política” como tal, mas não deixa de ser um comportamento ou um fato que tem profundas implicações que, além de tudo, exige uma postura, uma decisão. Vai além de um sentimento...

Colocados frente à afirmação de que os traficantes estão neste “negócio” só porque precisam<sup>44</sup>, 76,6% não concordam com essa afirmação. A resposta pode significar, por isso, que quem manda é o vício, a curiosidade, o sabor do proibido, a ganância, a maldade, a dependência e outros significados. A discordância mais intensa está nos Colégios Particulares e no mundo feminino; a concordância, de modo especial, é forte em duas Escolas Públicas. As dúvidas mais intensas situam-se nos/as estudantes do 1º ano do Ensino Médio (15 anos). Um pouco estranha é a reação dos entrevistados/as do Sinodal: assim como 73,0% discordam, 20% ficam na indecisão. Como em outras situações, pode significar ignorância. Não fica fora de foco relacionar esta opinião com os aspectos contemplados no campo da afetividade. O tráfico não é só negócio; é resultado de situações existenciais.

### **Droga deve ser crime?**

A mesma postura os/as jovens e adolescentes têm quanto à criminalização da droga<sup>45</sup>. Para eles, a criminalização não responde ao desafio das drogas. Se 57,4% aparecem concordando, 20,2% discordam. As dúvidas também são bastantes: 21,3%, sendo maior a intensidade da dúvida em duas Escolas Particulares de São Leopoldo. As maiores concordâncias, assim como a maior discordância, situam-se em duas Escolas de Novo Hamburgo. A criminalização da droga é mais desejada por pretos e pardos do que por brancos, mais por evangélicos do que por católicos, mais pelas meninas do que pelos meninos, mais pelos que participam de grupo do que pelos que não participam, sendo a tendência praticamente igual em São Leopoldo e Novo Hamburgo. No mínimo, a questão se localiza num espaço turbulento.

### **Política para cá e para lá**

Quanto à política e aos políticos, isto é, ante a afirmação “Gosto de política e não de políticos”<sup>46</sup>, há duas respostas contraditórias: 39,6% discordam da afirmação, portanto não gostam de política, mas de políticos, identificando-se a intensidade dos meninos e meninas; 38,4% gostam de política e não de políticos, com a aprovação maior da frase por parte dos meninos. As respostas dos católicos e dos evangélicos revelam posturas intensas diferentes quanto à concordância e discordância, sendo maior a discordância dos evangélicos afirmando que gostam dos políticos. O fato de 21,3% ficarem indecisos pode significar, de fato, indecisão ou uma reação frente a uma afirmação estranha, embora real. Segundo Direitos da Juventude – Subsídios para o debate. 3ª Conferência Nacional da

---

44 Questão 24: “Os/As traficantes estão neste ‘negócio’ só porque precisam.”

45 Questão 25: “As ‘drogas’ deveriam ser criminalizadas”.

46 Questão 26: “Gosto de política, mas não de político”.

Juventude, 39% dos jovens disseram que não gostam de política, que não se envolvem, mas 33% dizem que não costumam participar, mas se interessam por política<sup>47</sup>. Na mesma pesquisa 45% mencionam participação em mobilizações de rua ou em ações ou coletivos que se organizam; além disso, 6 em cada 7 jovens declaram que participam, já participaram ou gostariam de participar de coletivos e movimentos sociais.

Observa-se, igualmente, em nossa pesquisa, que 85,1% rejeitam o uso da religião com objetivo político-eleitoreiro<sup>48</sup>. A postura é muito decidida, com pouca concordância e pouca dúvida. Há uma leve tendência para a concordância por parte dos evangélicos, mas não por parte dos luteranos, verificando-se o mesmo com relação à Escola Pública e aos três anos do Ensino Médio, havendo estranhamente mais concordância no 3º ano. Observa-se, igualmente, que os que participam de grupo concordam mais com o uso eleitoreiro da religião do que os que não participam (12,5% x 5,9%), valendo o mesmo para as meninas mais do que para os meninos (9,3% x 5,0%).

### **Os pobres não deveriam existir**

A maneira como se olha ou/e se pode olhar os pobres, oferece, com os estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo, os seguintes dados: no geral, 70,0% rejeitam que os pobres são pobres porque são vagabundos e relaxados<sup>49</sup>. Se 9,5% concordam, a percentagem (19,8%) dos indecisos não deixa de ser questionadora, significando mais do que 50 posturas. A indecisão junto aos meninos chega a 25,8%. Os dois Colégios que mais concordam que os pobres são vagabundos e relaxados são o São Luís (35,0%) e o Olindo Flores (12,0%); são os católicos que rejeitam a afirmação com mais intensidade, distinguindo-se o Colégio Plangg. Mais do que os pretos e pardos, os brancos são os que mais concordam com a afirmação (11,2%). Dos que estudam e trabalham com salário, 69,8% discordam, enquanto 51,9% dos que ficam indecisos são os que só estudam. Os dados também revelam que os mais infelizes afirmam (67,2%) que os pobres são porque são vagabundos, ao passo que, entre os mais felizes, somente 11,7% afirmam o mesmo. Pode-se ver, igualmente, que dos 80,0% que gostam de sonhar com outro mundo possível, somente 10,4% chamam os pobres de vagabundos e relaxados.

---

47 SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. *Direitos da Juventude – Subsídios para o debate. 3ª Conferência Nacional da Juventude. Governo Federal, Brasília, 2015. p. 12.*

48 Questão 28: “Sou a favor dos que usam a religião com o objetivo político-eleitoreiro”.

49 Questão 27: “Os pobres são pobres porque são vagabundos e relaxados.”

## A arma é necessária

Duas questões deste capítulo dividem, especialmente, as opiniões dos/as entrevistados/as: o porte de armas e a redução da maioria penal. Começando com a questão do porte de armas, a afirmação dizia: O porte de armas devia ser proibido<sup>50</sup>. No geral, o choque de visões é evidente: 40,0% discordam da proibição, 38% concordam com a proibição e 21,3% ficam na dúvida. Dos rapazes, 34,1% concordam; 52,5% discordam e 13,3% têm dúvidas. Das meninas, 28,7% discordam; 35,2% concordam e 28,7% ficam na dúvida. Portanto, varia muito a opinião dos rapazes e das moças. Por ser uma questão claramente conflitiva, vale a pena recordar que o Mapa da Violência – 2015 defende a importância da lei da proibição constatando que ela reduziu muito as mortes por arma de fogo. Diz este Mapa que o Estatuto do Desarmamento foi responsável por poupar 160.036 vidas desde sua sanção pelo presidente Lula, em 2003 – o equivalente à população de uma cidade de porte médio como Nilópolis, no Rio de Janeiro, ou Itapeverica da Serra, em São Paulo. Deste total de pessoas salvas, o estudo indica que 113.071 (70,6%) foram jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos.

Entre 1993 e 2003 os homicídios com arma de fogo cresceram 7,8%, até atingir 36.115 mortes por ano. Seguindo esta progressão, deveríamos ter registrado, em 2012, 71.118 vítimas fatais de disparos. Foram registradas, contudo, somente 40.077 mortes; portanto, só em 2012 foram poupadas 31.041 vidas. “Quando houve a campanha de desarmamento para valer, em 2004 e 2005, as estatísticas começaram a baixar”, explica Julio Jacobo, coordenador do estudo. De acordo com ele, nestes dois anos “foram recolhidas mais de 500.000 armas, e o impacto no número de mortes foi enorme”. Nos anos seguintes, segundo o mesmo pesquisador, não houve mais mobilização nacional e incentivo à campanha de recolhimento de armas – apenas 200 mil foram entregues em 2006 e 2007 –, e o resultado foi um pequeno crescimento no número de homicídios. Estima-se que o país tenha 16 milhões de armas em circulação.

Considerando as reações, por Escolas, os dois Colégios que mais discordam da proibição do porte de armas são dois Colégios Particulares de São Leopoldo (Sinodal – 58,0% e São Luís – 47,3%); as Escolas que mais concordam com a proibição do porte de armas são duas Escolas Públicas (Olindo – 48,0% e Plangg – 50,0%); as Escolas onde se manifestam mais dúvidas são IENH – 40,0% e Wolfram – 25,4%. Considerando a etnia, os pretos e pardos concordam com a proibição em 53,1% e só 34,4% por parte dos brancos, havendo, no entanto, mais dúvidas, 24,4%, por parte dos brancos. Olhando a questão na perspectiva da ocupação dos entrevistados, verifica-se que os que mais discordam da proibição são os que trabalham sem salário e os que estudam no curso técnico; os que

---

50 Questão 30: “O porte de armas devia ser proibido”.

mais concordam com a proibição são os que não trabalham porque não precisam e os que gostariam de estar empregados; as dúvidas se localizam descaradamente no grupo que só estuda. Dos que dizem que o bairro é violento, 27,7% discordam com a proibição de armas e 46,0% concordam com a proibição do porte de armas. Concordam com a proibição, ainda, 69,0% dos que dizem que a vida tem sentido, 76,9% dos que não pensaram em suicídio e 82,0% dos que acreditam, e muito, nas relações humanas. Por outro lado, dos que discordam da proibição do porte de armas, 11,6% dizem que a vida não tem sentido, 14,2% já pensaram em suicídio e 28,5% acreditam, e muito, nas relações humanas.

### **Cadeia aos 16 anos?**

Outro assunto que estava em discussão no tempo da aplicação do questionário, e que continua atual, refere-se à redução da maioridade penal. Os entrevistados/as tiveram que pronunciar-se sobre a seguinte afirmação: Sou a favor da redução da maioridade penal<sup>51</sup>. É uma questão que há tempo – mas especialmente nos últimos anos – estava presente nos jornais e nas discussões. Em 2014 e 2015 era impossível não fazer esta pergunta para estudantes do Ensino Médio. Como diz Sidnei Bonfim da Rocha<sup>52</sup>, a maioridade penal atualmente é um tema contemporâneo e bastante polêmico entre os legisladores, juristas e brasileiros em geral, assunto esse que congrega múltiplos olhares quanto ao questionamento. Os meios de comunicação em geral revelam uma lógica conflitante de ordem social, e nesse cenário a população brasileira se divide entre aqueles que apoiam para que haja a redução da maioridade penal e aqueles que têm um posicionamento contrário a essa opinião. Surgem debates em todas as esferas do poder. Ainda uma outra preocupação: a máquina do Estado não possui tamanha capacidade estrutural para abrigar tantos menores e as condições socioeducativas são precárias. Essa discussão vai além da conversa informal nos bares da cidade. Há necessidade de produzir uma trajetória que pudesse reformular o Estatuto da Criança e Adolescente por meio do endurecimento das leis e tipos penais? Ao lado de milhares de contribuições, vejamos qual a opinião dos estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo.

A resposta global é: 20,9% não concordam com a redução (23,3% os que acreditam em Jesus), 64,3% são a favor (também os que acreditam no Jesus dos Evangelhos) e 13,3% estão na dúvida. As Escolas que, de longe, mais discordam da afirmação são o IENH (52,6%) e a Escola Wolfram – as duas de Novo Hamburgo; as Escolas que mais concordam são o CIEP e o São Luís (75,4%); as duas Escolas que mais ficam na dúvida

---

51 Questão 31: “ Eu sou a favor da redução da maioridade penal”.

52 Disponível em: <[http://ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=13332&revista\\_caderno=12](http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13332&revista_caderno=12)>. Acessado em: 14 dez. 20145. Comentário dos autores: Esta citação poderia estar ao lado de muitas outras, provavelmente melhores, mas ajuda a entender o contexto.

são o Sinodal e o CAIC, ambas de São Leopoldo. As opiniões dos rapazes e das meninas se igualam na discordância, mas as meninas concordam mais do que os rapazes; os pretos e pardos discordam mais do que os brancos; quanto à religião, os sem religião são os que mais discordam, os luteranos os que mais concordam e os evangélicos têm mais dúvidas. Um pormenor da pesquisa também chama a atenção: dos 74,7% que dizem que existe violência porque a sociedade em que vivemos não se ama, 42,5% pronunciam-se a favor da redução da maioria penal, bem mais do que a metade.

Para concluir estas considerações, o parecer de Luiz Eduardo Soares (antropólogo, cientista político e escritor) sobre a redução da maioria penal<sup>53</sup> enriquece nossos dados sobre o tema da redução da maioria penal. Diz ele: Não soa absurdo a qualquer pessoa sensata, independentemente de sua ideologia e de seus valores éticos, que uma instituição consensualmente reconhecida como degradada, perversa, irracional, violenta e contraprodutiva, seja encarregada de assumir mais atribuições, ainda mais exigentes e complexas? Pois é isso o que está acontecendo no Brasil, quando se propõe a redução da idade de imputabilidade penal. É exatamente este contrassenso. Afinal, reduzir a idade significa nem mais nem menos do que ampliar o âmbito de atuação e responsabilidade do sistema penitenciário, essa máquina cada ano mais torpe e brutal, que custa caríssimo para piorar as pessoas e a sociedade. Não importa nenhuma querela sobre psicologia de adolescente, nenhum debate filosófico sobre ética, nenhuma ponderação jurídica, nenhuma análise sobre criminalidade praticada por jovens de idades precoces. Cessa tudo o que a antiga musa canta. Só interessa o óbvio ululante.

Vamos propor que o que não funciona para os adultos seja aplicado aos adolescentes? Vamos sustentar que aquilo que destrói adultos passe a destruir também adolescentes? Alguém acha que faz sentido mudar uma lei em razão de seus maus resultados sem que ela jamais tenha sido aplicada? Pois é isso o que ocorre quando se deseja modificar o Estatuto da Criança e do Adolescente. Não parece mais sensato testar a lei antes de defender sua substituição? Sanciona-se uma lei, não se a aplica, anos depois se a critica por ineficiente e propõe-se outra.

Se são inúmeras as questões que aparecem, em nosso caso precisamos debruçar-nos sobre a reação dos estudantes do Ensino Médio que não deixam de estar numa grande embrulhada, envolvendo pais, educadores/as e sociedade em geral.

---

53 Acessado em: < <http://diretorianarede.com.br/luiz-eduardo-soares-e-sua-opinioao-sobre-a-reducao-da-maioridade-penal/>>. Disponível em: 14 dez 2015.

## Outro mundo é possível?

Preocupava-nos, igualmente, na vontade de perceber as “navegações” dos estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo, se o mundo dos pesquisados ainda sonhava com utopias. Preocupava-nos a hegemonia da utopia corpórea com relação à utopia social. A afirmação era: Gosto de sonhar com outro mundo possível<sup>54</sup>. Veio à mente um escrito de Fernanda Costa-Moura e Anna Carolina Bianco, que dizia: no muro de pedras, ao pé do Corcovado, os nomes se confundem, superpõem-se em tamanhos e tipos diversos. O mesmo se repete nas fachadas dos prédios, nas placas de rua, nos muros do Primeiro Batalhão de Choque (em frente ao Sambódromo no centro do Rio), da Sexta Delegacia na Lapa, assim como em quase todos os cantos do globo. O que significaria o fato de os grafites tomarem, nas últimas décadas, inúmeras cidades do mundo? Ninguém pode propriamente explicar por que, nem como. O fato é que, a cada dia, surgem mais pichações... Nunca mais uma carteira de escola é somente uma carteira<sup>55</sup>. Estamos além de puos descontentamentos? Não seriam os jogos da utopia?

Nossa pretensão não era ir tão longe; era bem simples: ver se os estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo gostam de sonhar com um outro mundo possível. Pode-se ver que os dados se complementam, resultando num discurso que tem sua lógica em diferentes situações tratando-se do mesmo público. Embora 11,8% digam que não gostam de sonhar outro mundo possível e 14,1% fiquem indecisos, 72,6% afirmam que sim. Com leve diferença, as meninas sonham mais do que os rapazes; levemente mais em Colégios Particulares do que Públicos; mais no segundo ano do Ensino Médio do que nos outros; mais aos 16 anos do que aos 15 e 17; mais os que pretendem fazer a prova do ENEM do que os que não pretendem (75% x 67%); mais os que não participam de grupo do que os que participam; mais os evangélicos do que os católicos e sem religião; mais os felizes do que os infelizes; mais os que estudam e trabalham sem salário do que os que só estudam (83,3% x 71,8%); mais os que querem formar uma família e ter filhos do que os outros que não querem (72,9% x 60,0%); mais nos Colégios Plangg e Sinodal do que nos outros; bem menos os que já pensaram em suicídio do que os que não pensaram nessa possibilidade (22,0% x 89,0%). As boas notícias ainda existem. Dentro do que chamaremos de “discurso político” (veja adiante) esta questão se destaca por sua positividade, dentro de várias outras questões políticas.

---

54 Questão 52: “Gosto de sonhar com outro mundo possível”.

55 Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282009000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282009000200006)>. Acessado em: 14 dez. 2015.

## 4.2.2 Mundos culturais e familiares

Todos navegamos em meio a tradições e culturas que rompem o tempo, com mais e menos resistência. A pergunta era: como os estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo percebem e/ou vivem certos aspectos que rotulamos de culturais e/ou familiares? Não nos preocuparemos muito com a questão conceitual. Queremos referir-nos mais aos costumes, valores, tradições que existem em qualquer conjunto humano, de modo especial a família. Os verbos que marcam são “propor”, “intentar”, “tencionar”. Destacamos oito questões diferentes, misturando “propor” e “tomar atitude”.

### Família, filhos?

A primeira questão relaciona-se com a vivência de família. Pediu-se um pronunciamento sobre a seguinte afirmação: Quero formar uma família e ter filhos<sup>56</sup>. Lê-se e há mais pesquisas que dizem que a família é a instituição que o/a jovem mais estima. Dar-se-ia o mesmo com a formação de uma família ou ser-se pai e mãe? A visão geral afirma que 78,0% concordam com a afirmação: querem formar uma família e ter filhos; 7,6% discordam e 12,9% têm dúvidas. Estamos falando de um mundo de adolescentes... As opiniões dos rapazes e das meninas praticamente se igualam, com as meninas concordando mais e com os meninos tendo mais dúvidas. Na perspectiva das Escolas, a discordância com a afirmação é mais intensa no Colégio São Luís (SL) e no CIEP (NH); a maior concordância com a constituição de família e de ter filhos se encontra no Colégio Sinodal (90,3%) e na Escola Plangg. As maiores indecisões se encontram no CAIC (30,3%) e no Colégio Olindo Flores (20,4%). Considerando a questão da raça e da etnia, observa-se que há mais concordância com a afirmação junto aos brancos/as e que se mostram intensamente mais indecisos os pretos e pardos (27,6%). Com relação a pertença às religiões, os que mais discordam da formação de uma família e da criação de filhos são os que se afirmam sem religião; contudo, são eles, igualmente, os que estão mais indecisos. Os que afirmam mais a formação da família e da criação de filhos são os luteranos.

Considerando que 78,0% dizem concordar com a afirmação que desejam formar uma família, é interessante observar que somente 72,3% dos que já pensaram em suicídio concordam com a assertiva, 21,4% são contra e 12,9% se dizem indecisos. Algo semelhante acontece com os 82,8% dos que afirmam que a família foi fundamental na vivência religiosa que têm neste momento, inclusive quando se trata das indecisões, onde a percentagem baixa de 12,9% para 2,3%.

---

56 Questão 19: “Quero formar uma família e ter filhos”.

A inquietude é bem maior no assunto dos que pensam constituir família e ter filhos (86,4%) do que a visão que os/as entrevistados/as têm sobre a inquietude (ou não) da questão de gênero como tal, onde 42,5% discordam com a inquietude e 22,4% concordam.

### **Família e vivência religiosa**

Trata-se de uma avaliação. A afirmativa dizia: Minha família foi fundamental na vivência religiosa que tenho neste momento<sup>57</sup>. A pergunta era: O que você teria a dizer? Se 53,3% concordam com a afirmação, de modo geral, a maior concordância está com as meninas (56,1%) e com os/as estudantes de 17 anos. Enquanto 55,8% das respostas vêm dos que têm 17 anos, as respostas dos/as que têm 16 anos somam 48,3%, uma pequena diferença que podemos encontrar em outras questões.

Dos 27,7% que discordam da importância da família no momento religioso que vivem, 77,1% pertencem à mesma religião que a mãe. Dos 53,3% que concordam com a afirmação, só 23,7% pertencem à mesma religião que a mãe. Se 73,2% dos que participam de grupo concordam com a importância da família na vivência religiosa atual, 29,2% discordam. A maior concordância está com os evangélicos, os luteranos e os católicos. Pode-se ver igualmente que 72,9% dos que concordam que a vivência religiosa atual deles se deve à família acreditam em Jesus Cristo apresentado nos Evangelhos; 76,4% conhecem o pastor, o padre, o ministro, o encarregado da religião, um dado que não deixa de chamar a atenção.

Uma questão mais tumultuada e que exigia uma postura mais delicada referia-se à intensidade de como percebiam os autoritarismos nas famílias<sup>58</sup>, não se reconhecendo o jovem como ele é. Se 36,1% dizem que o jovem não é reconhecido no que é, 34,7% concordam que este reconhecimento é real e 32,6% ficam indecisos. Estamos, portanto, num campo de embrulhos. As concordâncias, as discordâncias e as dúvidas praticamente se chocam.

Outro dado revelador é que dos 24,3% que discordam da importância da família na vivência religiosa atual, 65,8% discordam de que sejam religiosos, mas deixaram de acreditar em qualquer igreja; por outro lado, se 54,0% concordam com a importância da família na vivência religiosa atual, só 19,3% concordam que são religiosos, mas não acreditam em qualquer igreja. Há diferenças, também, na intensidade das dúvidas: se 17,7% não sabem se a família é importante na vivência religiosa atual, 12,2% não respondem ou ficam na dúvida se são religiosos, sem crença em qualquer igreja.

---

57 Questão 20: “Minha família foi fundamental na vivência religiosa que tenho neste momento”.

58 Questão 33: “Sei que existe muita violência contra o/a jovem, dentro da família”.

## **Violência – Sociedade que não se ama?**

Houve uma afirmação que pode ser considerada um tanto “estranha”, “filosófica”, “esdrúxula”, tratando de uma questão que pode ser econômica, política, psicológica, mas também é cultural. Afirmava-se: Existe violência porque a sociedade em que vivemos não se ama<sup>59</sup>. Embora a frase tenha sentido, é uma afirmação teórica e abstrata, de certa forma gongórica, e as respostas se situam, também, em meio a um turbilhão de concordâncias, discordâncias e dúvidas. Isso vale para o geral das respostas, para a questão do sexo, para a questão da etnia, destacando-se a intensidade da concordância do grupo dos luteranos e da intensidade das discordâncias do grupo que se afirma sem religião. Pode-se dizer que o grupo dos que já pensaram em suicídio dá uma intensidade significativa com relação à violência brotando de uma sociedade que não se ama. O mesmo sucede relacionando essa questão com a concordância com a redução da maioria penal, onde fica mais evidente que a aprovação da redução da maioria penal vem com intensidade por parte dos que concordam com a sociedade que não se ama. O mesmo sucede com o grupo dos que afirmam a violência do bairro onde vivem. Não sucede o mesmo com o grupo dos que se afirmam sem religião: põem em dúvida a justificativa da violência.

### **A violência e o/a adolescente**

Uma questão que vai além de interesses alcoviteiros, mas que é delicada para todos/as, especialmente para adolescentes, refere-se à violência na família. Pedia-se que os estudantes se manifestassem sobre a afirmação: Sei que existe muita violência contra o/a jovem, dentro da família<sup>60</sup>. No geral, 51,0% concordam com a afirmação, isto é, concordando que há não só violência, mas muita violência. Observa-se igualdade nos que discordam e nos que ficam em dúvida. A concordância das meninas é bem maior – até intrigante – que a dos rapazes (61,4% x 17,1%). É na idade dos 16 anos que os adolescentes têm mais sensibilidade; a concordância com a violência contra o jovem dentro da família é afirmada com uma intensidade maior nos Colégios Particulares (59,7% x 48,1%) do que nos Públicos – o que não é uma constatação secundária. Da mesma forma a concordância é maior junto aos luteranos e junto aos que não participam de grupo; mais junto aos brancos do que junto aos pretos e pardos. Outro dado que chama a atenção é que, dos 51,0% que concordam com a existência da violência contra o jovem na família, 47,0% também afirmam que a educação sexual dada e transmitida na família atrapalhou a vivência de fé neles/as. Outro pormenor: dos 46,8% que já pensaram em suicídio, 33,0% afirmam que há violência na família; e 14,8% dos que dizem conhecer jovens abusados sexualmente

---

59 Questão 32: “Existe violência porque a sociedade em que vivemos não se ama”.

60 Questão 33: “Sei que existe muita violência contra o/a jovem, dentro da família”.

dentro da própria família, 60,0% afirmam que há violência na família. Há aspectos que se acasalam, confirmando-se a veracidade de diversas situações.

### **Coragem de homóforo**

Outra questão respondida pelos estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo dizia: Aprecio as pessoas que têm a coragem de afirmar sua homofobia<sup>61</sup>. Ora, “homofobia” significa aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais. O indivíduo que pratica a homofobia é chamado de homofóbico. **A homofobia pode ser contemplada como uma outra forma de discriminação. Segundo pesquisas, as discriminações de gênero são causas reconhecidas para processos de exclusão escolar.** As pessoas que não se submetem aos padrões de feminilidades, masculinidades e orientações sexuais encarados como normais, a partir da ótica dos padrões sociais dominantes, são reiteradamente expostas, no ambiente escolar, a violações de direitos, agressões físicas e verbais e discriminações de todo tipo. A homofobia pode ser classificada como um crime de ódio, podendo e devendo ser punida<sup>62</sup>.

A questão apresentada se referia, portanto, ao apreço, ou não, a esta postura. Supondo que os/as entrevistados/as tenham compreendido a questão, numa visão geral a discordância com o apreço a esta postura é de 42,9%, mas os que apreciam as pessoas que concordam com esta postura homofóbica somam 35,6%; 19,4% ficam indecisos. São percentagens que não ficam na neutralidade. Observa-se que esta mesma intensidade é muito semelhante junto às meninas e aos rapazes, sendo a intensidade da discordância um pouco maior com as meninas; a mesma intensidade verifica-se com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio, nos Colégios Particulares, entre os pardos e pretos, entre os católicos e evangélicos, destacando-se a resposta dos luteranos que concordam (66,6%) com o apreço das pessoas que têm a coragem de afirmar sua homofobia. As maiores indecisões são observadas nos estudantes do 3º ano do Ensino Médio e, também, nos pretos e pardos e nos evangélicos. A intensidade do apreço tanto positiva como negativa se identifica nos que já pensaram em suicídio. Na perspectiva dos Colégios, os que mais discordam com este apreço são o Olindo, o São Luís e o Sinodal. Por outro lado, o Colégio Plangg é o que mais concorda.

---

61 Questão 49: “Aprecio as pessoas que tem coragem de afirmar sua homofobia”.

62 Na bibliografia há referências sobre o assunto.

## Casamento gay

Questão semelhante à anterior, perante a qual se pedia a postura dos estudantes do Ensino Médio, relacionava-se à alegria com a aceitação do casamento de gays por parte da sociedade<sup>63</sup>. A reação dos estudantes não é tranquila: se 48,7% se alegram com a sociedade reconhecendo o casamento dos gays, 30,8% não se alegram e 19,4% ficam indecisos. A postura a favor, por parte das meninas, é mais decidida que a dos rapazes (58,9% x 38,3%). Verifica-se que a concordância com o fato vai decrescendo conforme a idade, mas a maior distância de opiniões é entre os Colégios Públicos e Particulares. Se nos Colégios Públicos a discordância chega a 18,8%, nos Colégios Particulares é de apenas 6,9%. Mais: a concordância nos Colégios Particulares chega a 76,3% e nos Colégios Públicos é de 38,8%; o restante fica indeciso ou não deseja responder. Posturas opostas se veem, igualmente, entre os que participam de grupo e os que não participam, valendo o mesmo entre católicos (a favor = aceitam a alegria) e evangélicos (contra = não concordam com a alegria). Destacam-se, também, as posturas a favor dos luteranos e dos que se dizem sem religião. Entre os que afirmam querer formar uma família e ter filhos, 25,0% discordam da afirmação, 47,0% concordam e 19,7% estão indecisos, observando-se dois campos claros de divergência, considerando que 47,0% desse grupo concorda com o fato, opinião que é mais intensa do que a visão geral.

## Gênero, um problema?

Afirmava-se: A questão da preocupação de gênero me deixa inquieto<sup>64</sup>. Se 45,2% discordam dessa inquietação, 30,4% ficam indecisos (talvez não tenham compreendido a questão). O fato é que a questão está na rua... A afirmação não entra em pormenores; a pesquisa pretende perceber como a questão está emergindo no mundo pesquisado, ainda mais quando o debate da questão de gênero está sendo motivo de muita discussão no campo educacional, eclesiástico e social. Pediu-se a reação à afirmação se a preocupação da questão de gênero deixa inquietudes no mundo estudantil dos municípios analisados na pesquisa. Uma primeira observação é que os estudantes do 3º ano do Ensino Médio, assim como são os que mais discordam com a “preocupação”, é o grupo dos 17 anos que é o mais indeciso; o mesmo vale se se toma em conta o sexo masculino e o feminino. Se nos Colégios Particulares é onde parece haver menos inquietude com essa preocupação, nos Colégios Públicos é onde encontramos mais perguntas. Se o São Luís de São Leopoldo discorda mais da inquietação da preocupação com a questão de gênero, o Colégio Olindo oferece mais dúvidas, e o Colégio Plangg, mais concordâncias.

---

63 Questão 50: “Aprecio as pessoas que tem coragem de afirmar sua homofobia”.

64 Questão 53: “A questão de gênero me deixa inquieto”.

Talvez não seja tão significativo, mas assim como chama a atenção que as dúvidas sejam mais intensas no mundo dos estudantes pardos e pretos, o mesmo vale com o grupo dos evangélicos com relação a outras religiões. O grupo menos inquieto com a preocupação de gênero são os sem religião. Da mesma forma o grupo dos que desejam formar uma família e ter filhos é menos preocupado do que os que concordam com a preocupação. Atendo-nos aos diversos grupos de “indecisos”, destacam-se os pardos e pretos, os evangélicos e os estudantes com 17 anos.

### **Aonde os espetáculos?**

Sob o aspecto da vivência cultural, afirmava-se: Nunca assisti a teatros, orquestra, apresentação de corais em algum “teatro” da região<sup>65</sup>. Apresentam-se os seguintes resultados: dos 70,0% que discordam que o jovem, na cidade dele, tem muitas oportunidades de lazer, 69,9% negam que nunca tenham assistido a teatros, orquestra, etc. O mesmo vale na concordância (= não assistiram) e nas indecisões. A assistência a espetáculos é afirmada pelo grupo dos Colégios Particulares (83,3%), pelos sem religião, mas, principalmente, pelos que se dizem luteranos (100,0%). Os grupos que afirmam mais intensamente a não assistência são os meninos, os católicos e os evangélicos (todos cerca de 20,0%). Os que não sabem ou não querem dizer são o grupo dos negros e pardos, das meninas e dos evangélicos. Considerando os colégios, os três que mais assistiram são o Instituto Evangélico de Novo Hamburgo, o São Luís e o Wolfram; dos colégios que nunca assistiram, destacam-se o Olindo, o Plangg e o CAIC; os que não sabem responder são o CIEP e o CAIC.

### **4.2.3 Religião? Nem tanto...**

O religioso ou o sagrado, como tais, não foram preocupação destacável na pesquisa. Contudo, algumas atitudes com relação à religião foram apresentadas. Aparecem algumas atitudes “religiosas” mais amplas. Segundo a liberdade que deu uma questão aberta (terminologia), além dos sem religião (20,9%), aparecem nove denominações, somente três tendo mais de 2,0%: os católicos (45,6%), os evangélicos (22,8%) e os luteranos (3,4%). Teremos presente isso na leitura dos dados.

### **Uso da religião**

Começaremos com uma questão que poderia ser, também, política. Afirmava-se: Sou a favor dos que usam a religião com objetivo político-eleitoreiro<sup>66</sup>. A resposta da discordância é mais do que clara: 85,1%, podendo ser rejeição ou antipatia. A prova par-

---

65 Questão 55: “Nunca assisti teatros, orquestras, apresentação de corais nalgum ‘teatro’ da região”.

66 Questão 28: “Sou a favor dos que usam a religião com o objetivo político eleitoreiro”.

cial está na questão que vimos sobre “política” e políticos” (questão 26). São poucas as concordâncias e as indecisões. Isso vale para o sexo; para os que estudam em Colégio Particular; para os que participam, ou não, de grupo; para a questão das etnias; para os que só estudam ou estudam e trabalham; sendo a discordância um pouco menos intensa nos evangélicos, dos que se afirmam religiosos, mas deixaram de acreditar em qualquer igreja e dos que acreditam em Jesus Cristo apresentado nos Evangelhos. É notória a intensidade – mesmo que não muita – da afirmação dos estudantes que se posicionam numa atitude de crentes.

### **O Jesus dos Evangelhos**

Como estaria a crença em Jesus Cristo apresentado nos Evangelhos?<sup>67</sup> Embora não fique bem claro se a questão era a crença em Jesus Cristo ou a aceitação do que está dito sobre Jesus nos Evangelhos, as respostas são significativas. Os que afirmam acreditar, nos dois sentidos, são 60,8%; os que dizem não acreditar, nos dois sentidos, são 23,2%; e os que ficam indecisos são 15,2%. Portanto, uma resposta com certa turbulência. Olhando alguns pormenores, observa-se: 1) que as meninas acreditam mais do que os rapazes (71,4% x 49,1%); 2) que, segundo os três níveis de Ensino Médio, é no 3º ano que mais se descêr no Jesus dos Evangelhos e, ao mesmo tempo, mais se duvida da afirmação; 3) que na perspectiva de Colégio Público e Particular, há mais discordância com a crença em Jesus – de certa forma estranha – nos Colégios Particulares (43,0%) e, ao mesmo tempo, mais indecisões do que nos Colégios Públicos; 4) que a diferença na concordância com a crença em Jesus é muito grande: Públicos 69,8% e Particulares 37,5%, o que também é notável; 5) grande diferença se verifica, igualmente, no grupo dos que participam (ou não) de grupo: 77,1% x 57,2%; 6) que, comparando a resposta deste item com o fato de ser (ou não) da mesma religião que a mãe, apresentam-se algumas constatações: se 71,2% dos que acreditam em Jesus dos Evangelhos são da mesma crença que a mãe, 53,3% dos que discordam da fé em Jesus não têm a mesma crença que a mãe; 7) que se observa que os pretos e pardos acreditam mais intensamente no Jesus dos Evangelhos do que os brancos (70,2% x 57,2%); 8) se as dúvidas ou indecisões mais intensas vêm dos católicos, a concordância com o Jesus dos Evangelhos é mais intensa entre os evangélicos. Evidente que os que mais discordam da crença no Jesus dos Evangelhos são os que se afirmam sem religião; 9) quanto às intensidades segundo as Escolas, as três que mais discordam da crença no Jesus dos Evangelhos são três Escolas Particulares: a maior concordância se encontra na Escola Plangg e a maior discordância no Instituto Evangélico de Novo Hamburgo.

---

67 Questão 29: “Acredito no Jesus Cristo, apresentado nos Evangelhos (bíblia)”.

## **Conhecem o/a Pastor/a?**

No questionário aplicado, houve duas perguntas que podem ser consideradas “secundárias”, de mera “curiosidade”. O que teria a ver, contudo, uma pergunta aos estudantes do Ensino Médio sobre o conhecimento dele/a do pastor, do padre, do ministro, do encarregado da sua religião<sup>68</sup>? Pode-se dizer que está em questão a distância ou a proximidade dos entrevistados da prática religiosa que afirma (ou não) ter. Embora não houvesse questões relacionadas com a prática religiosa, é revelador que 54,4% não conheçam, que 34,6% conheçam e que 9,5% não respondam ou não queiram responder? Comparando as respostas desta questão com a crença em Jesus dos Evangelhos, pode-se comprovar que o conhecimento do pastor, etc. influi positivamente na crença em Jesus. Chama a atenção que as respostas dos Colégios Particulares mostram que não conhecem o pastor, etc., havendo uma diferença muito grande (83,3% x 44,3%) com as respostas dos Colégios Públicos. Os que participam de grupo também conhecem mais do que os que não participam. Considerando as religiões, os católicos conhecem menos o padre do que os evangélicos o pastor. Mais afastados dos ministros da religião são, contudo, os luteranos (não considerando os que não têm religião).

## **Educação sexual e fé**

Houve tempos em que a educação sexual, em muitos ambientes, também na escola, também na família, era vítima de tabus e moralismos. Por isso, em parte, a motivação para colocar a questão apresentada aos estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Afirmava-se que a educação sexual transmitida a eles/as atrapalhara a vida de fé<sup>69</sup>. A discordância é evidente em todos os aspectos. Numa visão geral, 86,7% discordam; mas discordâncias mais intensas são verificadas no grupo dos luteranos e nas Escolas Particulares. Pequenas manifestações de concordância se verificam no grupo feminino, nos Colégios Públicos e nos que se afirmam sem religião. Os três grupos que ficam mais indecisos são o das meninas, dos evangélicos e dos sem religião, novamente. Esta questão, segundo as escolas, mostra que as três discordâncias mais intensas se localizam em três Escolas Particulares; as pequenas concordâncias no Colégio Olindo, no Colégio Wolfram e no CAIC. O grupo mais intenso dos poucos indecisos encontramos no CIEP, no Colégio Plangg e no Colégio Wolfram.

---

68 Questão 36: “Conheço o padre, pastor, o animador de minha religião na minha comunidade”.

69 Questão 37: “A educação sexual que me foi dada e transmitida atrapalhou a minha vida de fé”.

## **Igreja sem justiça?**

Outra é a situação da relação com as igrejas. Os estudantes eram levados a se posicionar sobre o que entendem por igreja, superando possível reação superficial. Dizia-se: Qualquer Igreja que não luta pela justiça não é a igreja na qual acredito<sup>70</sup>. Afirmava-se que uma questão central nas igrejas deveria ser a justiça. Portanto, levava-se a pensar em igrejas comprometidas com a situação dos pobres, dos injustiçados, oprimidos e explorados. Vejamos alguns resultados: pela resposta geral, observam-se 50,5% de discordância (a justiça não é necessária no meu modo de ser igreja) e 22,8% de concordância (necessária no meu modo de ser igreja). Significa que, apesar das indecisões (16,1%), a tendência é a aprovação de uma igreja que não luta pela justiça, isto é, uma igreja que não tem uma tendência para a preocupação com os problemas sociais, uma igreja “espiritualista”, que não olha com bons olhos uma “teologia da libertação”, uma igreja “conservadora”, que não é profética. Os três grupos que mais discordam (são menos libertação) são os estudantes do CIEP (62,9%), os estudantes da Escola Plangg (61,5%) e os rapazes (56,8% x 45,7% das meninas). Os que mais concordam com a importância da justiça no modo de ser igrejas são também os estudantes do Colégio Plangg (34,6%), mostrando-se como um grupo muito definido, e o grupo dos que se dizem religiosos, mas não acreditam em qualquer igreja – o que pode significar uma postura especialmente significativa, isto é, gostariam de ver uma igreja “corajosa” frente às necessidades não só “piedosas”, mas também econômicas. Estão na dúvida ou não se querem afirmar na importância da prática da justiça por parte das igrejas os evangélicos (34,8%), os estudantes do Wolfram (34,6%), mas, principalmente, o grupo do Colégio São Luís (45,0%). Um pormenor que aparece é que a percentagem geral dos que concordam com o papel da justiça no modo de ser igreja é um tanto menor (22,8% x 27,6%) do que a percentagem, nesta questão, dos que acreditam no Jesus dos Evangelhos, o que pode apontar para outras questões teológicas e exegéticas.

## **Sou religioso, mas sem Igreja**

Olhando mais de perto a afirmação sou religioso, mas deixei de acreditar em qualquer igreja<sup>71</sup> estamos frente ao falado abandono, por parte da população, do catolicismo e das igrejas evangélicas históricas, bem como frente à dificuldade que o adolescente vai experimentando diante de qualquer “autoridade”. O discurso dos entrevistados, como um todo, é de 65,8% de discordância, 19,3% de concordância, girando as indecisões nos 12,2%. Os três “grupos” que discordam mais intensamente são, em primeiro lugar e de forma bastante intensa, os estudantes do Colégio Plangg (80,7%), seguido pelo Colégio

---

70 Questão 38: “Qualquer igreja que não luta pela justiça não é a igreja na qual acredito”.

71 Questão 43: “Sou religioso, mas deixei de acreditar em qualquer igreja”.

Wolfram e, em terceiro lugar, os Colégios Públicos, não entrando em questão nenhuma crença definida. A concordância com a afirmação, isto é, com os que concordam que são religiosos, mas deixaram de acreditar em qualquer igreja, situa-se nas Escolas Particulares no seu todo (31,4%), mas especialmente numa Escola Confessional Católica (35,0%) e numa Escola Confessional Luterana (36,8%). Relacionando esta questão com o grupo dos que acreditam no Jesus dos Evangelhos, vemos que diminui a discordância, cresce a concordância e a indecisão frente a este afastamento das igrejas. Se no total das respostas 65,8% discordam da afirmação que são religiosos, mas deixaram de acreditar em qualquer igreja, no grupo dos que já pensaram em suicídio a discordância é de 70,7%. Diminuiu a concordância e aumentaram as indecisões.

#### **4.2.4 Quando adolescentes falam**

Todas as questões desta pesquisa relacionam-se aos adolescentes/jovens. Podemos destacar, contudo, algumas que se relacionam mais à afirmação dos entrevistados com a “figura” do adolescente na sociedade: o adolescente afirmando-se e revelando a forma como vê seus/suas colegas. Poder-se-ia dizer que é a “personalidade” do estudante do Ensino Médio dos municípios que está em jogo. Trata-se de perceber como o adolescente se percebe e como ele percebe os/as outros/as adolescentes.

#### **Autoritarismo na família?**

Iniciamos com uma questão que afirmava: Na minha família o/a jovem é reconhecido/a como ele/a é: sem autoritarismos<sup>72</sup>. Mais do que “respeito”, trata-se de “protagonismo”: deixar o jovem ser. Trata-se de um problema delicado: está em questão a família que, no fundo, o adolescente muito admira. Perguntar-lhe se ele/a (adolescente) é fruto de autoritarismos, de cumprimento de ordens ou cabe-lhe alguma responsabilidade é pergunta que “toca”. Na resposta do todo, 36,1% afirmam que há autoritarismos, isto é, não há reconhecimento do jovem; por outro lado, com intensidade quase igual (37,6%), o jovem sente-se reconhecido como pessoa. Os indecisos ou os que não querem se pronunciar são 24,0%, tendo igualmente os que nem responderam. Estes “encontros” não significam “desencontros” a serem considerados?

Olhando a questão de outras perspectivas, observa-se que os grupos que mais discordam da afirmação são os evangélicos (50,8%), os/as estudantes do 3º ano, em geral com 17 anos (45,8%), e os brancos. A concordância com o dizer que não há autoritarismos na família vem por parte dos luteranos (60,0%), dos Colégios Particulares (45,8%) e dos meninos (45,6%). Preferem não se pronunciar, ou não sabem se posicionar, os da

---

72 Questão 39: “Na minha família o/a jovem é reconhecido como ele/a é: sem autoritarismo”.

idade de 15 anos, os pretos e pardos e os que se dizem sem religião. Considerando as respostas globais dessa questão relacionada com o conhecimento de abusos sexuais dentro das próprias famílias, pode-se observar que, se 38,3% discordam, 46,1% concordam. Relacionando esta questão com a questão da família tida como fundamental na vivência religiosa, 34,7% discordam e 38,6% concordam. Em ambos os casos, a concordância nas duas situações é questionante.

### **Abusos sexuais na família**

Olhando a questão que dizia: Conheço jovens abusados sexualmente dentro da própria casa<sup>73</sup>, a discordância geral é de 78,0% e os que concordam são 14,8%. Os três grupos onde há as maiores discordâncias são os/as do Colégio Plangg, os luteranos e os meninos. A maior concordância sobre o conhecimento destes casos verifica-se nos/as estudantes do CIEP (34,4%), no grupo dos que se professam evangélicos (23,7%) e no grupo das meninas (20,1%) e em outros nove de 21 grupos diferentes. Apesar de as meninas serem as grandes vítimas, não dá para dizer que elas sofram mais abusos que os meninos. Se elas já têm dificuldade em denunciar, por resistência da família, na tentativa de evitar um escândalo ou para não perder o provedor da casa, no caso dos meninos isso sequer é cogitado. Ou seja, as denúncias sobre abuso de meninos são apenas a ponta de um cruel iceberg. São estimativas que fazem parte do relatório anual produzido pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA).

Os que resistem a responder à questão são, especialmente, quatro grupos: os/as estudantes de 15 anos, os luteranos, os evangélicos e os/as estudantes do Sinodal. Há dados que afirmam que mais de 80% dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes acontecem dentro da própria casa da vítima. Pior: mais de 50% dos casos denunciados têm como autor do abuso o pai do adolescente ou seu padrasto.

Um pormenor que pode ser visto nesta questão é que – pelos entrevistados – a discordância é maior em São Leopoldo e a concordância é maior em Novo Hamburgo, tendo presente que a percentagem dos entrevistados era de 52,0% (São Leopoldo) e 47,0% (Novo Hamburgo).

### **Genial minha escola...**

A satisfação (ou não) dos/as estudantes com a escola em que estudam não deixa de ser um assunto importante, considerando suas consequências. Os dados que temos podem nos dar uma visão da geografia dos sentimentos neste aspecto. Verifica-se que, na visão geral, 52,1% concordam que a escola é um lugar onde me sinto bem porque lá

---

73 Questão 40: “Conheço jovens abusados/as,sexualmente, dentro da própria casa”.

encontro verdadeiros/as amigos/as<sup>74</sup>. Embora a evasão escolar não fosse o objetivo da afirmação na pesquisa, a questão do “sentir-se bem” não pode ser esquecida nessa questão. São muitos os motivos que conduzem o estudante a abandonar seus estudos. Dentre eles, destacam-se os fatores internos, associados ao desenvolvimento psíquico do aluno, bem como os fatores externos de natureza socioeconômica. Muitas vezes, os adolescentes veem-se obrigados a optar por trabalhar em lugar de estudar, devido à necessidade de contribuir para o sustento da família, mas o modelo de escola e o ambiente não deixam de ser importantes.

Em vários espaços as afirmações vão além dos 52,1%, mas as discordâncias são também maiores em seis de 16 espaços. As maiores discordâncias, isto é, dos/as estudantes que não se sentem bem, não encontrando verdadeiros/as amigos, são os pretos e pardos (29,7%), os rapazes e os que se afirmam católicos. As intensidades mais fortes de satisfação verificam-se com os/as luteranos/as, os Colégios Particulares e o grupo dos/as evangélicos/as. Receiam em expressar-se os pardos e pretos (novamente), os/as estudantes do 3º ano e aqueles/as que participam de grupo.

### **E a questão do “lazer para nós?”**

As juventudes reclamam, muitas vezes, da falta de espaços de lazer. Qual seria a postura dos/as estudantes de Ensino Médio dos dois municípios estudados? A afirmação era: O jovem, na minha cidade, tem muitas oportunidades de lazer<sup>75</sup>. Mesmo que a resposta geral mostre que 41,9% discordam, isto é, não estão satisfeitos, que 25,9% concordam e que 30,4% ficam indecisos ou indiferentes diante da questão, a maior estranheza é a indiferença geral, a indecisão, a dúvida, o não querer dizer. Os grupos que mais discordam (= faltam espaços de lazer), os menos acomodados, são os estudantes do Colégio Plangg, do Colégio São Luís, do CIEP e dos que estudam e trabalham sem salário. Os grupos que mais concordam são os que estudam e trabalham com salário, os/as estudantes do IENH e os/as estudantes dos Colégios Particulares. Poder-se-ia dizer que são os mais conformados.

Falamos de “conformados”, “acomodados”, “desinteressados”, “não informados” porque 30,4% é uma percentagem, para o tipo de questão, muito elevada. Não sabem? Não precisam? Não enxergam? A resposta mais provável seria a de que não precisam? Ou estaria ausente o direito que os/as adolescentes têm com relação aos espaços de lazer? Em Direitos da Juventude pode-se ler, contudo, que uma questão a ser enfrentada sobre esse tema é o desafio de não deixar a educação encapsular os demais direitos consagrados

---

74 Questão 41: “A escola é um lugar onde me sinto bem porque lá encontro verdadeiros/as amigos/as”.

75 Questão 44: “O jovem, na minha cidade, tem muitas oportunidades de lazer”.

à população juvenil, como o direito ao lazer, à cultura, ao esporte, à experimentação, à circulação pela cidade. Assim, para alguns/algumas atores/atrizes que advogam em favor da educação dos/as jovens, mais do que estender a jornada escolar de moças e rapazes, o Brasil precisaria enfrentar o desafio de garantir iniciativas que favorecessem a educação integral dos/as jovens, desafio a ser enfrentado a partir da adoção de políticas que extrapolam os muros da escola formal e o tradicional currículo escolar<sup>76</sup>. Uma coisa é a realidade; outra, a utopia. Na 1ª Conferência Nacional de Juventude (2008) se denunciava que 56,6% dos jovens brasileiros não praticavam atividades físicas e que as atividades esportivas eram privilégio apenas dos mais favorecidos economicamente, que podiam pagar por clubes e academias. Reivindicavam, então, o oferecimento de ações gratuitas, defendendo que as mesmas seriam de ocupação do tempo livre, mas que possibilitariam o desenvolvimento integral, mediante a oferta de jogos que promovessem o aprendizado de uma convivência coletiva<sup>77</sup>.

### Festas “Rave”...

Foram feitas duas questões sobre as festas “rave”, um tipo de festa que acontece em sítios (longe dos centros urbanos) ou em galpões, com música eletrônica, com muitas horas de duração. No Brasil, o Estado onde mais acontecem raves é em Minas Gerais. Em 2007, o jornal Estado de Minas apresentou uma reportagem de três páginas sobre “a praga das raves”, afirmando que as festas estão “fora de controle” e que elas “se multiplicam em ritmo acelerado em sítios da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do interior”. Em nossa pesquisa os dados confirmam, ao menos, que essas festas são conhecidas porque somente 12,2% não responderam ou ficaram na dúvida. Afirmava-se: Gosto e participo muito de festa “rave” porque aí não me sinto vigiado<sup>78</sup>. Estavam em foco duas questões: a participação, o gosto por estas festas, e a fuga, nestas festas, da vigilância. Mesmo que 67,3% discordem da afirmativa, 18,6% concordam. Os grupos que mais discordam são os evangélicos e dois Colégios Públicos. O grupo dos luteranos e o de um Colégio Público, no entanto, são os que, ao mesmo tempo, menos discordam (44,4%), os que mais concordam e os que ficam mais indecisos. Aproxima-se desse resultado, igualmente, um Colégio Particular.

Uma segunda questão com relação às festas “rave” falava dos exageros vividos nestas festas. Dizia-se: Nas festas “rave” acontecem muitos exageros<sup>79</sup>. Se, no cômputo geral,

---

76 SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. *Direitos da Juventude – Subsídios para o debate. 3ª Conferência Nacional da Juventude. Governo Federal, Brasília, 2015, p. 37.*

77 Idem, p. 143.

78 Questão 46: “Gosto e participo de festas ‘rave’ porque aí não me sinto vigiado/a”.

79 Questão 48: “Nas festas ‘rave’ acontecem muitos exageros”.

62,3% concordam com essa afirmação ou esse julgamento<sup>80</sup>, os grupos que mais concordam (= que há exageros) são os Colégios Particulares (70,4%), o grupo dos evangélicos (71,1%) e, de modo especial, um Colégio Particular (85,0%). Deste Colégio somente 5,0% discordam dos exageros. As discordâncias mais intensas vêm de dois Colégios Públicos e dos que se afirmam sem religião, numa percentagem que vai de 32,6% a 25,9%. Dois Colégios Públicos também são os que ficam mais indecisos ou não se querem pronunciar. Um pormenor é que 70,2% dos que já pensaram em suicídio e 64,7% dos que se afirmam infelizes concordam com os exageros, sendo ambas situações acima da média global.

### **O direito da aparência**

Segundo a antropóloga Regina Novaes Coelho, há três medos que rondam a juventude. Um desses medos refere-se à aparência, ao estar desconectado, ao estar fora da moda. Por isso, ao iniciar a análise de uma nova questão relacionada a este assunto, vale a reflexão de Alex Piero, da Secretaria da Juventude do Município de São Paulo. Escreve ele, refletindo sobre o medo de morrer e o medo de sobrar: Existe, hoje, por parte de jovens<sup>81</sup> de todas as classes e situações sociais, certa insegurança em relação ao trabalho que está relacionada ao fato de saber que sua geração está submetida às rápidas transformações no mundo do trabalho: os jovens sabem que os diplomas escolares são necessários, mas que não garantem a inserção produtiva e que não necessariamente o nível de escolaridade está relacionado à posição no trabalho. Rápidas transformações econômicas e tecnológicas se refletem no mercado de trabalho provocando mudanças, alterando especializações e encerrando algumas profissões. Segundo Regina Novaes, o medo de sobrar decorre dessa condição.

Nesse contexto, Gabriel Medina, Coordenador de Juventude da Secretaria Municipal de São Paulo, nos lembra que a forma de escola que se encontra não é a que a juventude quer e precisa, havendo um abismo de políticas públicas no sistema educacional. Sendo assim, no sistema educacional está posto o desafio de oferecer respostas diferenciadas que permitam modos diversos de acesso e continuidade na formação escolar.

Segundo Regina Novaes, “em outras gerações o gosto pela aventura e a vontade de correr risco estavam respaldados por uma expectativa: “ser jovem” é estar longe da morte. No entanto, a juventude, cada vez mais, convive com a morte diariamente. Segundo o Mapa da Violência de 2011, o avanço da violência no Brasil nas últimas décadas teve como motor exclusivo a morte de jovens: enquanto a taxa global de mortalidade da po-

---

80 Recorde-se que 67,3% discordam ou que gostam dessas festas ou que vão às festas, mas não porque fugiriam do controle.

81 Disponível em: <<http://www.elenafilme.com/mobilizacao-social/medos-de-sobrar-de-morrer-e-de-se-desconectar/>>. Acessado em: 14. dez. 2015.

pulação brasileira caiu de 633 em 100 mil habitantes, em 1980, para 568, em 2004, a taxa de mortalidade juvenil teve leve aumento, passando de 128, em 1980, para 133 a cada 100 mil jovens (15 a 24 anos), em 2008.

O jovem do mundo atual, ao mesmo tempo, está permanentemente conectado com o mundo; ele já nasceu no mundo que confunde vida pública e privada. Ver-se fora desse mundo suscita medo nos/as adolescentes. Regina Novaes aponta que “nunca houve tanta integração globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão agudos os processos de exclusão e profundos os sentimentos de desconexão”. O medo de se desconectar está relacionado ao medo de não se achar e não se reconhecer. O poder aparecer é a semente da qual todos os jovens precisam para crescer, sentir-se reconhecidos e se desenvolver. As políticas públicas para juventude devem criar ambiente para esse desenvolvimento para ter possibilidades de germinar. A adolescência tem direito a aparecer.

A afirmação posta para os/as estudantes era: Cuidar da aparência é muito caro, mas é o que me dá valor<sup>82</sup>. Apesar de certa ambiguidade da questão que fala tanto do preço do cuidado com a aparência como do valor que ela tem e significa, as respostas são significativas. Embora a concordância e a dúvida se igualem, a discordância no seu todo é de 48,3%: não é custoso cuidar da aparência; não é a aparência que dá valor. As discordâncias mais intensas encontramos nos Colégios Particulares, nos que se afirmam sem religião e, de maneira mais forte, no Colégio São Luís. Por um lado, podem estar negando o custo do cuidado da aparência e, por outro, discordar que o que dá valor é aparência. As maiores concordâncias com a questão se encontram entre os pardos e negros, no Colégio Plangg e, mais intensamente, no Colégio Olindo Flores. Os Colégios Particulares são, claramente, os que menos concordam com a questão (custo ou valor da aparência?). Na indecisão ou na falta de vontade de pronunciar-se, estão as meninas, os estudantes do CAIC e os evangélicos. Entre os Colégios, são os Particulares que mais intensamente não se afirmam (53,0% x 30,8%).

### **Não exagero na bebida**

Apresentaram-se, também, duas questões cujas respostas tomam certo aspecto de “confissão”: a bebida e a leitura fora das costumeiras exigências escolares. Com respeito à bebida, afirmava-se: Às vezes exagero na bebida alcoólica<sup>83</sup>. No geral, 62,7% dos/as estudantes discordam. As discordâncias mais intensas brotam do Colégio Plangg, seguido dos Colégios Particulares e dos evangélicos. Os dois grupos que menos discordam são um Colégio Confessional e os que acreditam no Jesus dos Evangelhos. A concordância com

---

82 Questão 47: “Cuidar da aparência é muito caro, mas é o que dá valor”.

83 Questão 51: “As vezes exagero na bebida alcoólica”.

o exagero é de uma percentagem baixa, sendo a mais alta a de 31,3%. Os estudantes de Novo Hamburgo concordam mais com o exagero do que os estudantes de São Leopoldo. Concordam um Colégio Público e dois Particulares. Os que menos se afirmam com relação ao assunto são os estudantes de um Colégio Confessional, os que se dizem sem religião e os/as estudantes de 17 anos.

### **Leituras, leituras...**

Com relação à leitura de livros, afirmava-se: Só leio os livros que são exigidos pelo Colégio (professores/as)<sup>84</sup>. A questão não deixava dúvidas: 67,7% discordam. Nessa discordância destacam-se, expressivamente, o IENH (90,0%), o grupo feminino e os evangélicos. Os estudantes de Novo Hamburgo discordam mais que os de São Leopoldo (72,9% x 65,1%); discordam mais os que estudam e trabalham com salário do que os que só estudam; os Colégios Particulares mais do que os Colégios Públicos. As maiores concordâncias brotam dos que estudam e fazem curso técnico, do Colégio Olindo e por parte dos rapazes. Não respondem ou ficam na dúvida (?) os/as estudantes do CAIC, do Plangg e do São Luís.

---

84 Questão 54: “Só leio os livros exigidos pelo Colégio (professores/as)”.

## **5 Conclusão:**

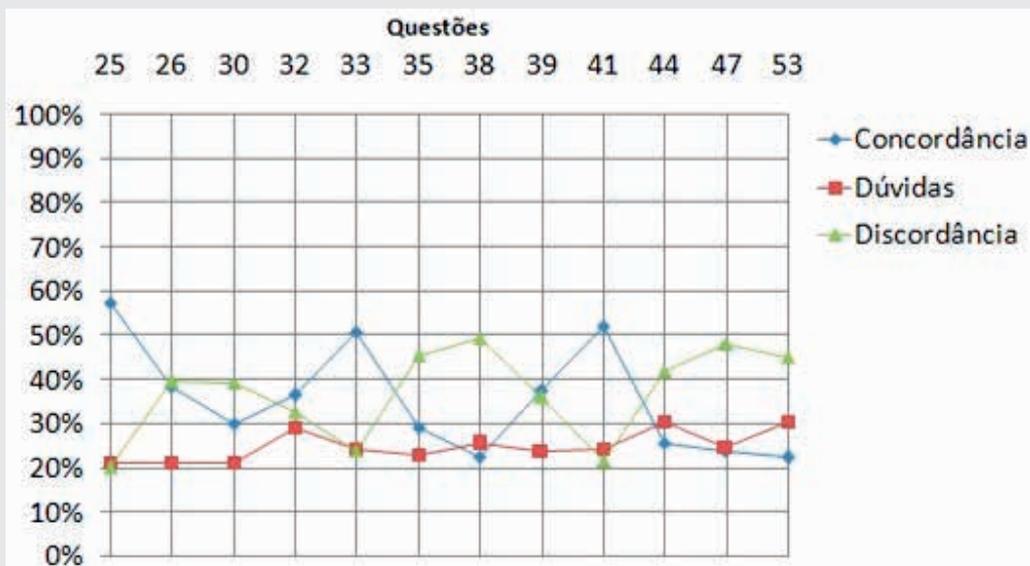
### **Chegando ao porto e olhando para trás**

Indo para uma conclusão das considerações e leituras feitas ou chegando ao final dessa “navegação”, apresentamos vários quadros onde se procura visualizar a intensidade, não somente a quantidade das questões propostas para os estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Importante repetir: o que vale é a intensidade, não a quantidade. Destacamos alguns conjuntos que já consideramos, mas sem uma visão global. Começaremos com o quadro que intitulamos de maiores embrulhos. Talvez não seja a questão mais importante, mas ajuda na compreensão de onde navegam os estudantes pesquisados.

#### **5.1 Os maiores embrulhos**

É interessante percebermos que 30,7% dos/as entrevistados/as ficaram embrulhados/as, como grupo, nas questões da política, do porte de armas, da violência dentro das famílias, do autoritarismo na família, da escola como lugar de amigos/as, das oportunidades de lazer, da satisfação com o local da moradia, do cuidado com a aparência e da questão de gênero, questões importantes, mas que não encontram consenso. Fica-se, certamente por razões diversas, no “embrulho”. Olhando mais de perto este conjunto de assuntos, temos o seguinte quadro, que não deixa de ser uma visualização dos embrulhos.

## Quadro 2 – Quadro dos embrulhos



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

### Nota:

#### CONCORDÂNCIAS:

- 25 = As drogas devem ser criminalizadas = 57,4%;
- 26 = Gosto de política, mas não de políticos = 38,4%;
- 30 = A proibição do porte de armas = 30,0%;
- 32 = Violência vem da sociedade que não se ama = 36,5%;
- 33 = Violência contra o jovem na família = 51,0%;
- 35 = Meu bairro é violento = 29,3%;
- 38 = Centralidade da justiça nas igrejas = 22,8%;
- 39 = Autoritarismos na família = 37,6%;
- 41 = Escola como lugar de verdadeiros amigos = 52,1%;
- 44 = Jovem tem oportunidades de lazer = 25,9%;
- 47 = Preço e valor da aparência = 24,0%;
- 53 = Preocupação com a questão de gênero = 22,4%.

Com relação às discordâncias deste quadro de embrulhos, as porcentagens são:

- 25 = 20,2%; 26 = 39,6%; 30 = 39,5%; 32 = 32,6%; 33 = 24,0%; 35 = 45,6%; 38 = 49,4%; 39 = 36,1%; 41 = 21,7%; 44 = 41,9%; 47 = 48,3%; 53 = 45,2%.

Com relação às dúvidas, relacionadas às concordâncias e discordâncias, as porcentagens são: 25 = 21,3%; 26 = 21,3%; 30 = 21,3%; 32 = 29,3%; 33 = 24,3%; 35 = 23,2%; 38 = 25,5%; 39 = 24,0%; 41 = 24,3%; 44 = 30,4%; 47 = 24,7% e 53 = 30,4%.

Olhando este “quadro dos embrulhos”<sup>85</sup>, pode-se ver as questões onde os estudantes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo demonstram, sem grande intensidade, onde as concordâncias, as resistências, as dúvidas e até as discordâncias sobre certos assuntos tropeçam uma na outra. Estamos frente a uma embrulhada.

Fica visualizado que: 1) Das 12 questões (relacionar o quadro com as questões), só três chegam além dos 50% de concordância (a criminalização das drogas, o reconhecimento da violência contra o jovem na família e a escola como lugar de verdadeiros amigos). 2) Nenhuma discordância chega aos 50%. 3). As maiores dúvidas estão na postura frente a duas questões bem diversas: os espaços de lazer e a preocupação com o gênero. Se num caso há indiferença, no outro a tendência é que seja dúvida ou desconhecimento. 4) Entre 40 e 50% de discordância está o reconhecimento de que é caro cuidar da aparência e que a aparência é que dá valor à pessoa, mas aí estão também a violência do bairro, a igreja que não tem a justiça como central, as oportunidades de lazer e a preocupação com a questão do gênero. 5) Nos 30% de concordância está a simpatia pela política e não pelos políticos, e a questão da violência como sinal de que a sociedade não se ama, a proibição do porte de armas e os autoritarismos na família. Se três dessas questões são posturas ideológicas, existe a tendência de a terceira ser uma resposta esquivada.

No quadro da concordância – que fica em 20,0% – está a violência do bairro, a centralidade da justiça nas igrejas, as oportunidades de lazer e o gênero como preocupação. Na perspectiva da discordância, as mais intensas são por conta da violência do bairro, da crença em igrejas que não têm como objetivos centrais a justiça e do reconhecimento dos autoritarismos na família. As maiores dúvidas estão com a questão das oportunidades de lazer e com a preocupação com o gênero. O “embrulho” fica comprovado quando se olha a média das concordâncias e das discordâncias: 36,5% x 35,0%. Fica evidente que as questões embrulhadas se situam, em grande parte (75,0%), no mundo do dionisíaco, onde uma postura definida é mais difícil.

## 5.2 Turbulências à vista

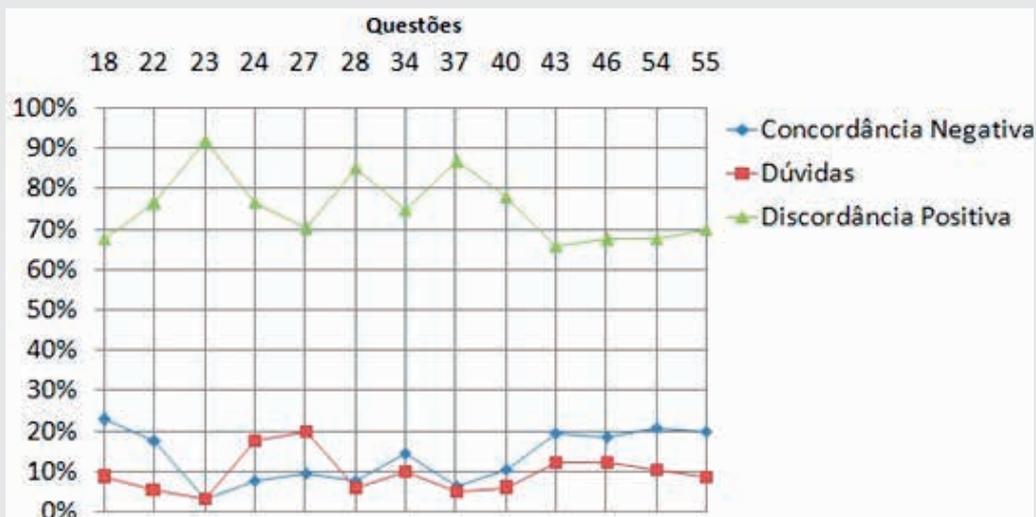
Outro modo de olhar o conjunto das respostas é ver as discordâncias positivas e as concordâncias negativas que se revelam no todo das entrevistas, isto é, considerando positivas as discordâncias: nega-se, rejeita-se, discorda-se da afirmação apresentada. Situam-se,

---

85 Falamos de “embrulhos” porque nem as discordâncias e concordâncias se digladiam, nem as dúvidas se destacam, ficando numa “tranquilidade”, num “chove não molha” que fica entre os 20 e 30% tanto de um lado como de outro.

neste quadro, 30,7% das 39 questões propostas sob vários pontos de vista: pessoal, social, político, moral, sexual, na perspectiva do dionisíaco e do apolíneo, do racional e do emotivo.

**Quadro 3 – Discordâncias positivas x concordâncias negativas**



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

**Nota:**

**DISCORDÂNCIAS POSITIVAS:**

- 18 = Sou infeliz = 67,7%;
- 22 = Já pensei em suicídio = 76,3%;
- 23 = Concordo com o pacto de morte = 91,6%;
- 24 = Traficantes o são porque precisam = 76,6%;
- 27 = Os pobres o são porque vagabundos e relaxados = 70,0%;
- 28 = Uso da religião com fins politiqueiros = 85,1%;
- 34 = Gostaria de sair de minha escola = 74,6%;
- 37 = A educação sexual dada atrapalhou minha fé = 86,7%;
- 40 = Conheço abusos sexuais na família = 78,0%;
- 43 = Sou religioso, mas não quero saber de igrejas = 65,8%;
- 46 = Gosto de festa “rave” porque lá não me sinto vigiado = 67,3%;
- 54 = Só leio livros e exigidos pelo colégio = 67,7%;
- 55 = Nunca assisti a teatro e outros espetáculos na região = 69,9%.

**CONCORDÂNCIAS NEGATIVAS:** 18 = 22,8%; 22 = 17,8%; 23 = 3,4%; 24 = 7,6%; 27 = 9,5%; 28 = 7,6%; 34 = 14,4%; 37 = 6,5%; 40 = 10,6%; 43 = 19,3%; 46 = 18,6%; 54 = 20,9%; 55 = 19,8%.

**DÚVIDAS:** 18 = 8,4%; 22 = 5,3%; 23 = 3,4%; 24 = 17,5%; 27 = 19,8%; 28 = 6,1%; 34 = 9,9%; 37 = 4,9%; 40 = 5,7%; 43 = 12,2%; 46 = 12,2%; 54 = 10,3%; 55 = 8,7%.

O quadro, por si, já é muito expressivo<sup>86</sup>. As 13 discordâncias positivas estão todas acima de 60,0%, o que é muito significativo. Significativas são, também, as dúvidas que estão abaixo de 20,0% e caminham paralelas às concordâncias que chamamos de “negativas” (= aceitam a afirmação apresentada).

- A visualização mostra evidências: a maioria das questões se relaciona com o sentir-se bem ou mal, com a violação de sentimentos e com o relacionamento com pessoas problemáticas. O que significa que 22,8% se afirmem infelizes? Que 17,8% já pensaram em suicídio? Que 19,3% se dizem religiosos mas deixaram de acreditar em qualquer igreja?
- Teria sentido observar que as discordâncias menos intensas se referem à felicidade ou infelicidade? Que elas se referem ao ser religioso, mas não acreditar em igrejas? Que elas se referem à rejeição das festas “rave” ou à rejeição de que essas festas são uma fuga?
- Observar que as intensidades maiores das dúvidas se relacionam com a leitura negativa dos pobres tanto nas discordâncias como nas concordâncias, e da vontade de sair da escola em que estão (questões 27 e 34), são pormenores que precisam ser considerados por motivos sociais e pedagógicos. São questões mais que importantes. Vão além o campo dos afetos. Algo que pode ficar engasgado para quem observa: o que significaria a indecisão ante os pobres considerados como relaxados e vagabundos?
- Não se pode deixar de observar que as dúvidas e as concordâncias negativas se encontram na negação do pacto de morte de adolescentes, no uso da religião com fins politizantes e na educação sexual não influenciando na vivência atual da fé.
- Não se pode deixar de observar, igualmente, a distância de intensidades entre as concordâncias, discordâncias e dúvidas. É curioso observar que não é muito errado afirmar que 69,2% destas questões se situam no mundo dionisíaco.

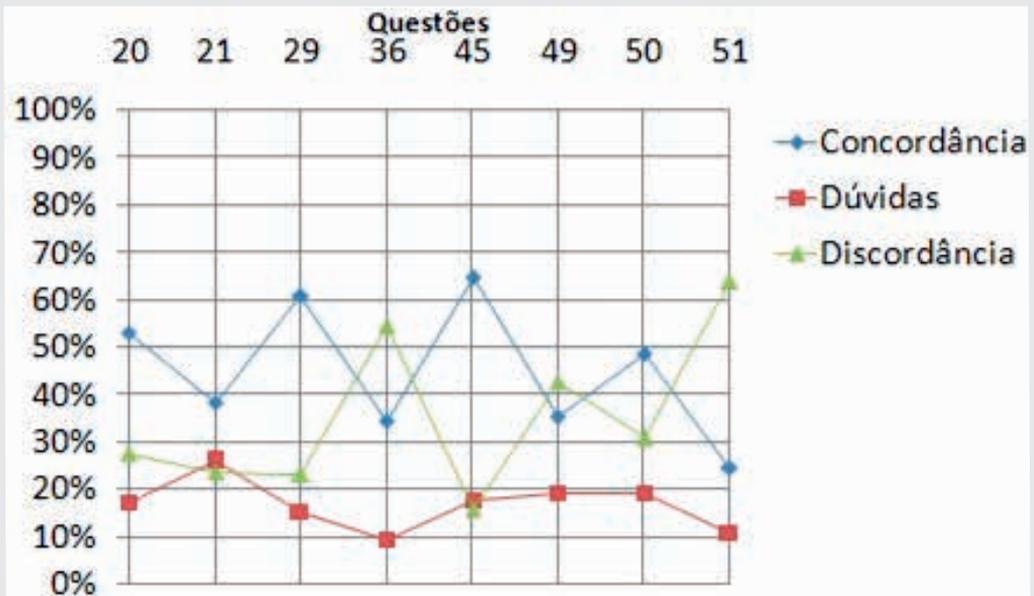
### 5.3 Assuntos que não aparecem

Ao lado das discordâncias positivas e concordâncias negativas, dos embrulhos, das diferentes intensidades das propostas culturais e juvenis, dos discursos sociopolíticos e religiosos, dos afetos adolescentes, há assuntos que ficam na moita, aparentemente esquecidos, pouco interessantes, que provocam desconfiâncias ou são evidentes. Não são embrulhos: não aparecem. Observa-se isso em oito afirmações:

---

<sup>86</sup> Para apreciar o quadro, importante ver o conteúdo das questões.

Quadro 4 – Não aparecem



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

**Nota:**

**CONCORDÂNCIAS:**

20 = Minha família foi fundamental na vivência de fé que tenho = 53,3%;

21 = A felicidade é um estado de espírito, e não momentos = 38,2%;

29 = Acredito em Jesus dos Evangelhos = 60,8%;

36 = Conheço o pastor, o padre, os encarregados de minha religião = 34,6%;

45 = Gosto de morar onde moro = 65,0%;

49 = Aprecio as pessoas que assumem sua homofobia = 35,6%;

50 = Que bom que a sociedade reconheça o casamento dos gays = 48,7%;

51 = Às vezes exagero na bebida alcoólica = 24,7%.

**DISCORDÂNCIAS:** 20 = 27,7%; 21 = 23,8%; 29 = 23,2%; 36 = 54,4%; 45 = 16,0%; 49 = 42,9%; 50 = 30,8%; 51 = 63,7%.

**DÚVIDAS:** 20 = 17,5%; 21 = 25,9%; 29 = 15,2%; 36 = 9,5%; 45 = 17,9%; 49 = 19,4%; 50 = 19,4% 51 = 11,0%.

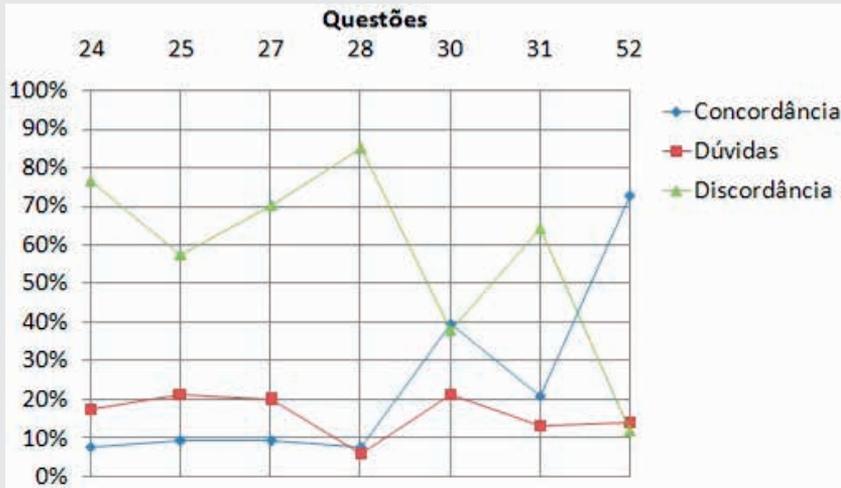
Os assuntos que caem nesse desinteresse são a questão da família influenciando na vivência religiosa atual (questão 20), a felicidade como um estado de espírito (questão 21), a crença no Jesus dos Evangelhos (questão 29), o conhecimento do padre, do pastor ou encarregados da religião (questão 36), do sentir-me bem onde moro (65,0%), da afirmação da admiração dos homófobos (questão 49), o casamento dos gays (questão 50) e os exageros pessoais na bebida. Tanto as concordâncias como as discordâncias situam-se em intensidades muito semelhantes. Pode-se dizer que há certas semelhanças

com o quadro dos embrulhos, mas a monotonia da intensidade das dúvidas no caso dos “embrulhos” é maior que no presente caso. Bem mais semelhantes são as intensidades das dúvidas, tendendo a cair fora desse desinteresse os exageros na bebida e o desconhecimento das autoridades religiosas (questões 36 e 51), os assuntos menos interessantes dos menos interessantes. Duas questões que se assemelham e quase se identificam são a dos homófobos (35,6% concordam e 42,9% discordam) e a do casamento dos gays. Se a questão do conhecimento das autoridades religiosas é, realmente, desinteresse, o mesmo – provavelmente – não sucede com os homófobos e o casamento dos gays. A questão é outra: seria dúvida ou é fuga de uma postura? O mesmo se pode dizer da satisfação do local da moradia, onde as dúvidas (17,9%) se encontram com as discordâncias (16,0%).

#### **5.4 Discurso político-social e religioso**

Com relação às maiores turbulências dos assuntos sobre os quais os estudantes do Ensino Médio foram consultados, destaca-se o discurso político-social. São posturas racionais ante alguns fatos; diferentes de reações meramente emocionais. Vejamos, por exemplo, como neste discurso se desencontram, intensamente, a concordância e a discordância com o gosto de sonhar um outro mundo possível (questão 52), bem como a discordância e a dúvida com a concordância tratando-se do uso da religião por parte da política (questão 28).

## Quadro 05 – Discurso Político



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

### Nota:

#### CONCORDÂNCIA:

- 24 = Os traficantes o são porque precisam = 7,6%;
- 25 = As drogas deveriam ser criminalizadas = 9,5%;
- 28 = Sou a favor do uso politiqueiro da religião = 7,6%;
- 27 = Os pobres o são porque vagabundos relaxados = 9,5%;
- 30 = O porte de armas deveria ser proibido = 39,5%;
- 31 = Sou a favor da redução da maioria penal = 20,9%;
- 52 = Gosto de sonhar com um outro mundo = 72,6%.

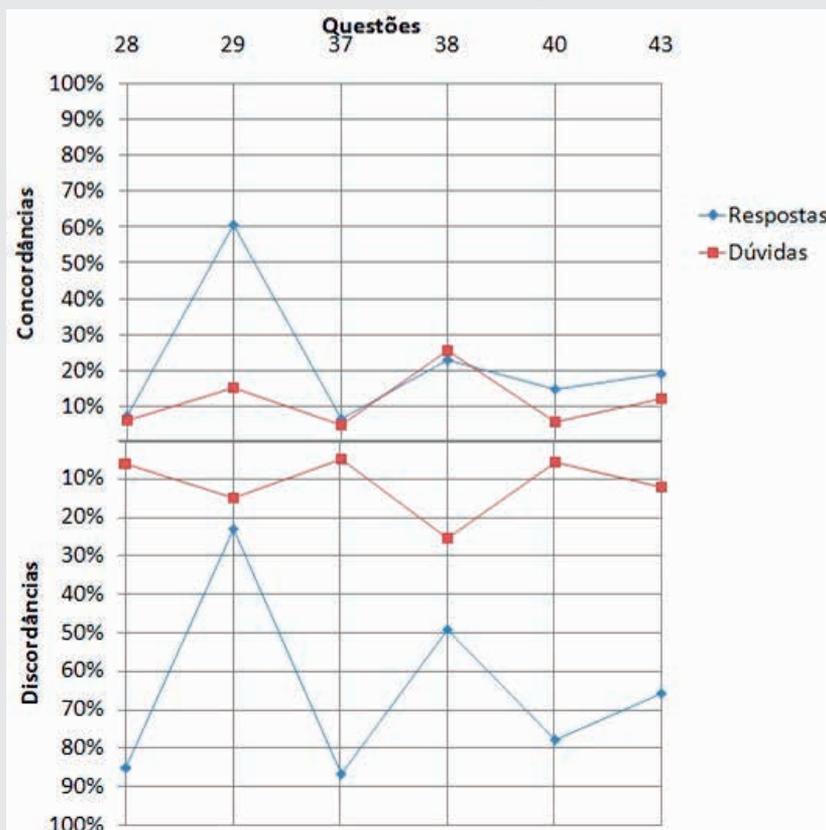
DISCORDÂNCIA: 24 = 76,6%; 25 = 57,4%; 28 = 85,1%; 27 = 70,0%; 30 = 38,0%; 31 = 64,3%; 52 = 11,8%.

DÚVIDAS: 24 = 17,5%; 25 = 21,3%; 28 = 6,1%; 27 = 19,8%; 30 = 21,3%; 31 = 13,3%; 52 = 14,1%.

As “distâncias”, as “intensidades” são muito diferentes. Situação semelhante encontramos com a intensidade da discordância, da concordância e da dúvida quando se trata da redução da maioria penal (questão 31) e do porte de armas (questão 30). Os sete assuntos que se localizam neste “discurso político” são, realmente, sete assuntos que mexem com os entrevistados, por isso a turbulência. Não deixa de chamar a atenção a “monotonia” das dúvidas e, até, das concordâncias, considerando assuntos como as drogas (questões 24 e 25), o uso politiqueiro da religião (questão 28), o tratamento dos pobres (questão 27), o porte de armas e a redução da maioria penal (questões 30 e 31). O que significaria o fato de o uso politiqueiro da religião ser mais intenso do que o tratamento dos pobres? A força do “não”, isto é, da discordância com a afirmação apresentada é evidente.

No discurso religioso destacam-se três contrastes: a discordância com o uso político da religião (85,1%), a intensidade positiva da crença no Jesus dos Evangelhos (60,8%) e a intensidade da discordância com a afirmação de que a educação sexual dada e transmitida tenha atrapalhado a minha vida de fé (86,7%).

**Quadro 6 – Discurso Religioso**



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

**Nota:**

**DISCURSO RELIGIOSO – CONCORDÂNCIA**

28 = Uso politiquero da religião = 7,6%;

29 = Crença no Jesus dos Evangelhos = 60,8%;

40 = Conhecimento de jovens abusados sexualmente na própria família = 14,8%;

37 = A educação sexual transmitida atrapalhou a minha vivência de fé = 6,5%;

38 = Não acredita na igreja que não tenha a justiça como central = 22,8%;

43 = Sou religioso mas deixei de acreditar em qualquer igreja = 19,3%.

**DISCORDÂNCIA:** 28 = 85,1; 29 = 23,2%; 40 = 78,0%; 37 = 86,7%; 38 = 49,4%; 43 = 65,8%.

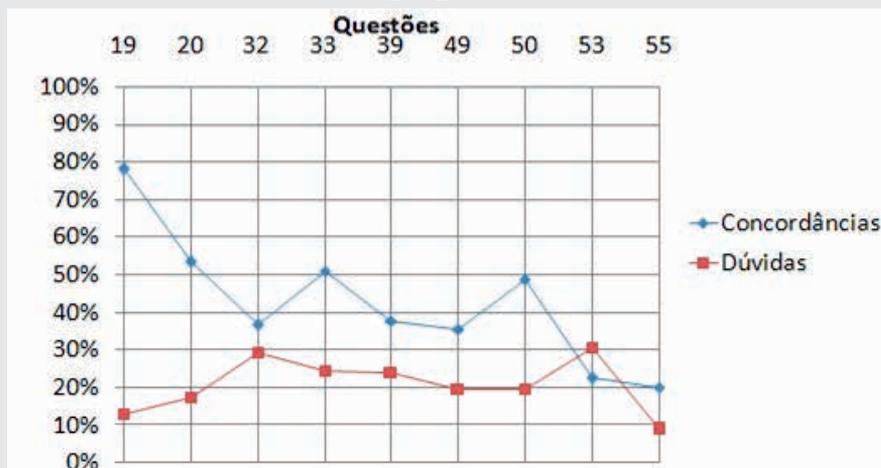
**DÚVIDAS:** 28 = 6,1%; 29 = 15,2%; 40 = 5,7% 37 = 4,9%; 38 = 25,5%; 43 = 12,2%.

É fraca a intensidade da concordância do uso da religião pela política; assim como é mínima a intensidade da concordância com a afirmação de a educação sexual recebida ter atrapalhado a vivência da fé (questão 37), chegando a discordância, nesta questão, a 86,7%. Há dois assuntos onde as dúvidas, as concordâncias e as discordâncias caminham muito juntas: no parecer sobre a educação sexual influenciando na vivência da fé (questão 37) e na aproximação da afirmação das dúvidas e das concordâncias do conhecimento de abusos sexuais na família (questão 40). Não é mero acaso que o assunto seja a sexualidade, podendo-se perguntar se as respostas são uma fuga ou uma confirmação de que o assunto continua rodeado de tabus.

## 5.5 Propostas culturais e juvenis

Verifica-se, igualmente, uma turbulência significativa de discordância no campo das nove propostas juvenis, não sucedendo o mesmo com as nove concordâncias no campo das propostas culturais. As propostas que intitulamos “juvenis” são mais turbulentas que as “culturais”. Uma das razões é que poderia ser o assunto como tal: a cultura sendo encarada como algo de “fora” e, por isso, não interessar tanto.

**Quadro 07 – propostas Culturais**



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

**Nota:**

**CONCORDÂNCIAS:**

- 19 = Quero formar uma família e ter filhos = 78,0%;
- 20 = Minha família foi fundamental na atual vivência de fé = 53,3%;
- 39 = Na minha família o jovem é reconhecido, sem autoritarismos = 37,6%;
- 32 = Existe violência porque a sociedade não se ama = 36,5%;

33 = Sei que existe muita violência contra o jovem dentro das famílias = 51,0%;  
49 = Aprecio as pessoas que assumem sua homofobia = 35,6%;  
50 = Alegria pelo reconhecimento do casamento dos gays = 48,7%;  
53 = A questão de gênero me deixa inquieto = 22,4%;  
55 = Nunca assisti teatro e outros espetáculos na minha região = 19,8%.  
DÚVIDAS: 19 = 12,9%; 20 = 17,5%; 39 = 24,0%; 32 = 29,3%; 33 = 24,3%; 49 = 19,4%; 50 = 19,4%; 53 = 30,4%;  
55 = 8,7%.

Não é o que mostram os dados: no campo da “cultura” está, por exemplo, o propósito de formar família e ter filhos (78,0%), a violência contra o jovem dentro das famílias (questão 33, 51,0%) e, ao mesmo tempo, a importância fundamental da família na vivência atual da fé pessoal (questão 20, 53,3%). Cultura se relaciona com diferentes planos da vida dos jovens. Interfere na sua formação e informação, incidindo na produção e disputa de sentidos e valores; influi na constituição de identidades e sociabilidades pessoais e coletivas, incidindo nos modos como se estruturam seus vínculos e confrontos societários; oferece-se como diversão e fruição, incidindo no uso do tempo livre e no modo de relação com os espaços públicos e territórios sociais; está presente na criação e expressão de arte, incidindo nos modos como manifestam suas visões de mundo. Nos espaços de lazer os jovens encontram possibilidades de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão.

São pouco intensas as concordâncias com relação à homofobia (questão 49, 35,6%), aproximando-se das dúvidas (19,4%), acontecendo algo semelhante ao casamento dos gays (questão 50, 48,7% x 19,4%) e à preocupação com a questão do gênero (questão 53, 22,4% nas concordâncias e 30,4% nas dúvidas). As discordâncias, neste caso, significam 47,2%. Não estão inquietos com a questão de gênero, mas as dúvidas são intensas. É um dado ou são dados que não deixam ficar numa postura acomodada. É que, segundo o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: Ano de 2012, no que tange à faixa etária dos envolvidos nesta questão, há elevada taxa de não informação (34,68% do total) e, entre as idades informadas, a faixa de jovens (de 15 a 29 anos) soma 27,07% do total de suspeitos, seguida pela faixa entre 30 e 39 anos, com 16,85%. Porém, se as faixas etárias dos suspeitos apresentam-se variadas, as vítimas de violência homofóbica estão concentradas especialmente em jovens de 15 a 29 anos<sup>87</sup>.

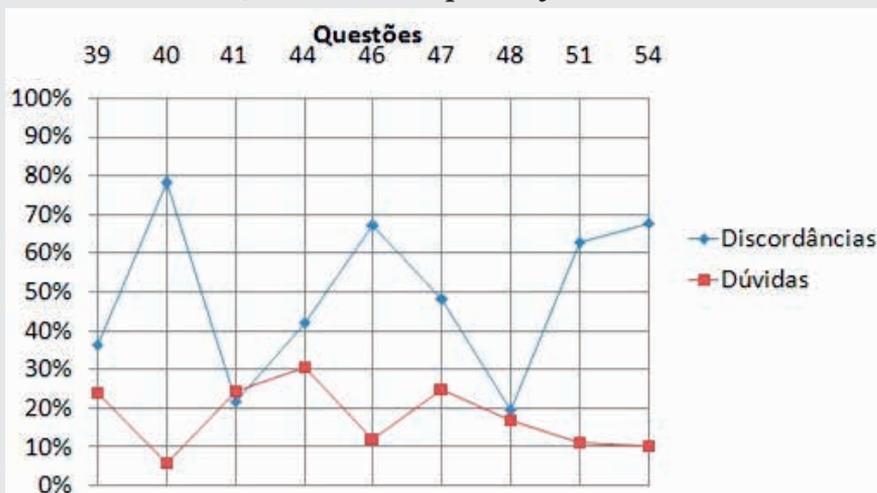
Olhando para o campo das “propostas juvenis”, na dimensão da discordância vai-se ver que o quadro que se apresenta é bem diferente do quadro das “propostas culturais”. Mesmo que em todas as afirmações os entrevistados se pronunciem, no conjunto que apelidamos de “propostas juvenis” a figura do jovem se afirma mais, tanto falando de si

---

87 SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. *Direitos da Juventude – Subsídios para o debate*. 3ª Conferência Nacional da Juventude. Governo Federal, Brasília, 2015, p. 81.

como de seus companheiros/as. Assim como chamam a atenção as rejeições do conhecimento de abusos sexuais na família (78,0%), a rejeição da participação em festas “rave” porque seriam ocasiões de fuga da vigilância (67,3%) e o não uso da leitura fora das indicações escolares (67,8%), é pouco intensa a discordância com a afirmação dos exageros das festas “rave” (19,3%), tendo-se afirmado com relativa intensidade (67,3%) que participam destas festas, com certa conviência com cheiro corporativista.

**Quadro 08 – Propostas Juvenis**



Fonte: Elaboração do Autor (n=208)

**Nota:**

**DISCORDÂNCIAS:**

- 39 = Na minha família o jovem é reconhecido como ele é: sem autoritarismos = 37,6%;
- 40 = Conheço jovens abusados sexualmente dentro da própria casa = 78,0%;
- 41 = A escola é um lugar onde me sinto bem porque encontro verdadeiros amigos = 21,7%;
- 44 = O jovem na minha idade tem muitas oportunidades de lazer = 41,9%;
- 46 = Gosto e participo das festas “rave” porque aí não me sinto vigiado = 67,3%;
- 48 = Nas festas “rave” acontecem muitos exageros = 19,4%;
- 47 = Cuidar da aparência é muito caro, mas é o que me dá valor = 48,3%;
- 51 = Às vezes exagero na bebida = 62,7%;
- 54 = Só leio livros exigidos pelo colégio = 67,8%.

**DÚVIDAS** – 39 = 24,0%; 40 = 5,7%; 41 = 24,3%; 44 = 30,4%; 46 = 12,2%; 48 = 16,7%; 47 = 24,7%; 51 = 11,0%; 54 = 14,1%.

Assim como os adolescentes podem ser exigentes com seus/suas colegas, também há momentos em que “se defendem”, como dito acima, com certa conviência com cheiro corporativista. Da mesma forma, com teor semelhante, há rejeição da questão dos gastos da aparência porque ela me dá valor (questão 47) e, por fim, certa afirmação significativa

com relação aos exageros na bebida (negando este exagero) e a discordância com a não leitura de livros fora das exigências escolares.

Se olharmos, portanto, as visualizações das intensidades dos discursos e propostas, referindo-nos aos oito quadros de intensidades apresentados, pode-se observar que: 1) as maiores turbulências (acima de 60,0%) se encontram no quadro onde analisamos 13 questões de concordâncias negativas e discordâncias positivas (100,0%). Note-se que todas as questões deste quadro são discordâncias positivas, isto é, negam a afirmação apresentada. Sob o ponto de vista da intensidade das turbulências, o quadro 3 é mais violento; 2) no mapa dos afetos, embora 75,0% estejam acima dos 60,0%, o quadro 1 está em 4º lugar na turbulência; 3) o discurso político (71,4%), onde a média das discordâncias é de 57,6%, perde em turbulência para o discurso religioso; e 4) as propostas juvenis são mais turbulentas que as propostas culturais. Nesta perspectiva não aparecem o quadro dos emburlos (quadro 2) e o quadro das questões que “não aparecem” (quadro 4), questões que têm a maior intensidade de dúvidas.

# Bibliografia

- ABRAMO, Helena Wendel, BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ALMEIDA, Jaime de. Todas as festas, a festa In: SWAIN, Tania Navarro (org). Histórias no plural. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- ANTONIAZZI, Alberto. Por que o panorama religioso brasileiro mudou tanto. In [http://www.conic.org.br/index.php?system=news&news\\_id=375&action=read](http://www.conic.org.br/index.php?system=news&news_id=375&action=read), 2007.
- ARAÚJO DE MORAIS, Diogo. Rodriguez; lima, Rebeca; FERNANDES, Juliana. Adolescência e Contexto familiar – in *Trabalhando com Adolescentes – Temas e Intervenção Psicológica*. Porto Alegre, ARTMED, 2014.p.101
- BENJAMIN, W. Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. Vol. I, p. 229.
- BENCKE, Romi. Abordagem de questões de gênero nas escolas é essencial, Revista IHU, 22 de junho de 2015.
- BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. História do Novo Mundo. São Paulo: Edusp,2001.
- BINGEMER, Maria Clara. O impacto da modernidade sobre a religião. São Paulo: Loyola, 1992.
- BIRARDI, Angela; Castelani, GLÁUCIA Rodrigues; BELATTO, Luiz Fernando B. O Positivismo, Os Annales e a Nova História. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html>>. Acesso 18 fev. 2011 às 14:30.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues “Os Guarani: índios do Sul – religião, resistência e adaptação” em *Estudos Avançados* vol.4 no.10, São Paulo, Sep./Dec. 1990 em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40141990000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40141990000300004&script=sci_arttext)>.
- BRASIL, União Marista. Caminho da Educação e Amadurecimento na Fé. A mística da Pastoral Juvenil Marista. São Paulo, FTD, 2008.
- BRUNO, E. S. História e tradições da cidade de São Paulo,vol.I, São Paulo, Editora Hucitec, 1991.
- CALIMAN, Geraldo. Desvio Social e Delinquência Juvenil. Teorias e Fundamentos da Exclusão Social. Brasília: Editora Universa, 2006.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2000.
- \_\_\_\_\_. El lugar del otro, Historia Religiosa y Mística. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.
- COSTA, Andriolli. Fazendo gênero. Nossos corpos, nossas regras.Revista IHU On-Line, Ano XV, nº 463, abril de 2015.
- CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa. São Paulo: Paulinas, 2001.

- DICK, Hilário. Os “discursos” da Igreja e a Juventude. In Redemoinho, Porto Alegre, novembro 2009, nº 09, p. 21-27.
- DICK, Hilário. O Imaginário Religioso do Estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo: Cadernos IHU, ano 1, nº 1, 2003.
- DICK, Hilário; FERREIRA, José Silon; CERVEIRA, Luís Alexandre. A vivência religiosa dos jovens na diocese de Montenegro. São Leopoldo, Oikos, 2011.
- DICK, Hilário; FERREIRA, José Silon. Para além de um monótono estribilho – Violência e Segurança na Perspectiva Juvenil, o caso de São Leopoldo. São Leopoldo, CEBI, 2009.
- DICK, Hilário. Às margens juvenis de São Leopoldo – dados para entender o fenômeno juvenil na Região. São Leopoldo, Cadernos IHU nº 11, 2005.
- DICK, Hilário (coord.) Discursos à beira do Sinos – A emergência de novos valores na juventude – o caso de São Leopoldo. São Leopoldo, Cadernos IHU, nº 18, 2006.
- DICK, Hilário. (Org.) Juventudes e Adolescências na sociedade leopoldense. São Leopoldo, CEBI, 2014.
- DREHER, Martin N. Igreja e Germanidade. Editora Sinodal/EST/EDUCS. São Leopoldo, 1984.
- DREHER, Martin N. (ORG). Populações Rio-Grandenses e modelos de igreja. Porto Alegre: Edições EST, São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1989.
- ESPIRITO SANTO, Moisés. Origens orientais da religião popular portuguesa, seguido de ensaio sobre toponímia antiga. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.
- GIUCCI, Guillermo. Velhos e Novos Mundos: da conquista da América ao domínio do espaço cósmico. In: Revistas Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991, p.3-18.
- HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo, Perseu Abramo, 2004, p. 89.
- LIBANIO, J.B. Jovens em tempo de pós-modernidade. Considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004.
- LISBOA, Carolina; MARTINS DE CAMPOS, Débora; WENDT, Guilherme; DIAS, Tatiane de Oliveira in Trabalhando com Adolescentes – Temas e Intervenção Psicológica. Porto Alegre, ARTMED, 2014, p.132.
- MAGALHÃES de Souza, Regina. Escola e Juventude – o aprender a aprender. São Paulo, EUC, FAPESP, Paulus, 2003.
- MINDLIN, José E. Viajantes do Brasil: viagem em torno de meus livros. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991, p.31-54.
- NOVAES, Regina. VANNUCHI, Paulo. Juventude e Sociedade. Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Instituto Cidadania e Edit. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- PAROLIN, Pietro. Casamento gay, uma derrota para a humanidade, in Revista IHU On-Line, 27 de maio de 2015.
- PORTUGAL, Daniel; SALGADO, Julia; BECCARI, MARCOS. Um cisne, duas forças: sobre o apolíneo e dionísio na ética do consumo. Ver Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 16, nº 1, 2014.

RABÉLLO, Eleonora. Protagonismo Juvenil, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/64025591/Protagonismo-Juvenil-Eleonora-Rabello#scribd>>. Acesso 26 out. 2015.

Revista IHU On-Line. Todas as possibilidades de Gênero – novas identidades, contradições e desafios, 20 de março de 2015.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Religiosidade Jovem. Pesquisa entre universitários. São Paulo: FAPESP, Olho d'Água, Loyola, 2009.

SANTOS PALUDO, Simone dos. As emoções no universo moral dos adolescentes. In *Trabalhando com Adolescentes – Temas e Intervenção Psicológica*. Porto Alegre, ARTMED, 2014, p.180.

SCHMIDT, João Pedro. O que pensam os jovens hoje. Imaginário social dos estudantes do Vale do Rio Pardo e Taquari. Santa Cruz do Sul, 1996.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. Participatório. Juventude Brasil – Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013. Gov. Federal, Brasília, 2013.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. Direitos da Juventude – Subsídios para o debate. 3ª Conferência Nacional da Juventude. Governo Federal, Brasília, 2015.

SEIDL, Ernesto. Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrante”. Pelotas [03]: 77-104, jul/dez 2008. Em <<http://www.ufpel.edu.br/isp/ppgcs/pensamento-plural/edicoes/03/04.pdf>> acessado 30 jan.2011> às 21:30.

SONHO BRASILEIRO BOX 1824 – Um estudo sobre o Brasil e o futuro a partir da perspectiva do jovem de 18 a 24 anos. Um novo Brasil e uma nova geração.



# Temas dos Cadernos IHU

- N. 01 – *O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS*  
Hilário Dick
- N. 02 – *O mundo das religiões em Canoas*  
José Ivo Follmann (Coord.), Adevanir Aparecida Pinheiro, Inácio José Sphor & Geraldo Alzemiros Schweinberger
- N. 03 – *O pensamento político e religioso de José Martí*  
Werner Altmann
- N. 04 – *A construção da telerrealidade: O Caso Linha Direta*  
Sonia Montañó
- N. 05 – *Pelo êxodo da sociedade salarial: a evolução do conceito de trabalho em André Gorz*  
André Langer
- N. 06 – *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado – Gênese e dissolução do patriarcalismo escravista no Brasil: Algumas considerações*  
Mário Maestri
- N. 07 – *A Igreja Doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades*  
Antônio Fausto Neto
- N. 08 – *Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. Dimensões históricas*  
Pedro Gilberto Gomes
- N. 09 – *Religiosidade midiática: Uma nova agenda pública na construção de sentidos?*  
Atílio Hartmann
- N. 10 – *O mundo das religiões em Sapucaia do Sul*  
José Ivo Follmann (Coord.)
- N. 11 – *Às margens juvenis de São Leopoldo: Dados para entender o fenômeno juvenil na região*  
Hilário Dick (Coord.)
- N. 12 – *Agricultura Familiar e Trabalho Assalariado: Estratégias de reprodução de agricultores familiares migrantes*  
Armando Triches Enderle
- N. 13 – *O Escravismo Colonial: A revolução Copernicana de Jacob Gorender – A Gênese, o Reconhecimento, a Deslegitimação*  
Mário Maestri
- N. 14 – *Lealdade nas Atuais Relações de Trabalho*  
Lauro Antônio Lacerda d'Ávila
- N. 15 – *A Saúde e o Paradigma da Complexidade*  
Naomar de Almeida Filho
- N. 16 – *Perspectivas do diálogo em Gadamer: A questão do método*  
Sérgio Ricardo Silva Gacki
- N. 17 – *Estudando as Religiões: Aspectos da história e da identidade religiosas*  
Adevanir Aparecida Pinheiro, Cleide Olsson Schneider & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 18 – *Discursos a Beira dos Sinos – A Emergência de Novos Valores na Juventude: O Caso de São Leopoldo*  
Hilário Dick (Coordenador)
- N. 19 – *Imagens, Símbolos e Identidades no Espelho de um Grupo Inter-Religioso de Diálogo*  
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 20 – *Cooperativismo de Trabalho: Avanço ou Precarização? Um Estudo de Caso*  
Lucas Henrique da Luz
- N. 21 – *Educação Popular e Pós-Modernidade: Um olhar em tempos de incerteza*  
Jaime José Zitkoski
- N. 22 – *A temática afrodescendente: aspectos da história da África e dos afrodescendentes no Rio Grande do Sul*  
Jorge Euzébio Assumpção  
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Orgs.)
- N. 23 – *Emergência das lideranças na Economia Solidária*  
Robinson Henrique Scholz
- N. 24 – *Participação e comunicação como ações coletivas nos empreendimentos solidários*  
Marina Rodrigues Martins
- N. 25 – *Repersonalização do Direito Privado e Fenomenologia Hermenêutica*  
Leonardo Grison
- N. 26 – *O cooperativismo habitacional como perspectiva de transformação da sociedade: uma interlocução com o Serviço Social*  
Célia Maria Teixeira Severo

- N. 27 – *O Serviço Social no Judiciário: uma experiência de redimensionamento da concepção de cidadania na perspectiva dos direitos e deveres*  
Vanessa Lidiane Gomes
- N. 28 – *Responsabilidade social e impacto social: Estudo de caso exploratório sobre um projeto social na área da saúde da Unisinos*  
Deise Cristina Carvalho
- N. 29 – *Ergologia e (auto)gestão: um estudo em iniciativas de trabalho associado*  
Vera Regina Schmitz
- N. 30 – *Afrodescendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada*  
Adevanir Aparecida Pinheiro; Leticia Pereira Maria & José Ivo Follmann  
*Memórias de uma São Leopoldo negra*  
Adevanir Aparecida Pinheiro & Leticia Pereira Maria
- N. 31 – *No Fio da Navalha: a aplicabilidade da Lei Maria da Penha no Vale dos Sinos*  
Ângela Maria Pereira da Silva, Ceres Valle Machado, Elma Tereza Puntel, Fernanda Wronski, Izalmar Liziane Dorneles, Laurinda Marques Lemos Leoni, Magali Hallmann Grezzana, Maria Aparecida Cubas Pscheidt, Maria Aparecida M. de Rocha, Marilene Maia, Marleci V. Hoffmeister, Sirlei de Oliveira e Tatiana Gonçalves Lima (Orgs.)
- N. 32 – *Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial*  
Cesar Sanson
- N. 33 – *Globalização missioneira: a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas*  
Ana Luísa Janeiro
- N. 34 – *Mutações no mundo do trabalho: A concepção de trabalho de jovens pobres*  
André Langer
- N. 35 – *“E o Verbo se fez bit”:* Uma análise da experiência religiosa na internet  
Moisés Sbardelotto
- N. 36 – *Derrida e a educação: O acontecimento do impossível*  
Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos
- N. 37 – *Curar um mundo ferido: Relatório especial sobre ecologia*  
Secretariado de Justiça Social e Ecologia da Companhia de Jesus
- N. 38 – *Sacralização da natureza: Henrique Luiz Roessler e as ideias protecionistas no Brasil (1930-1960)*  
Elenita Malta Pereira
- N. 39 – *A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben*  
Castor M. M. Bartolomé Ruiz
- N. 40 – *São Leopoldo e a “Revolução de 1930”: Um possível uso da fotografia como documento histórico*  
Tiago de Oliveira Bruinelli
- N. 41 – *Olhares multidisciplinares sobre economia solidária: Reflexões a partir de experiências do Programa Tecnosociais*  
Carlos Roncato, Célia Maria Teixeira Severo, Cláudio Ogando, Priscila da Rosa Boff e Renata dos Santos Hahn
- N. 42 – *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*  
Antonio Marcos Alves da Silva
- N. 43 – *(Bio)políticas de educação inclusiva e de saúde mental: a (in)visibilidade do sofrimento psíquico*  
Édina Mayer Vergara
- N. 44 – *Pensamento descolonial e práticas acadêmicas dissidentes*  
Alex Martins Moraes, Carolina Castañeda, Caio Fernando Flores Coelho, Dayana Uchaki de Matos, Juliana Mesomo, Luiza Dias Flores, Orson Soares, Rita Becker Lewkowicz, Rodrigo dos Santos Melo & Walter Günther Rodrigues Lippold
- N. 45 – *As práticas religiosas dos “Sem Religião” nas comunidades virtuais*  
Rafael Lopez Villasenor
- N. 46 – *Estética do Acaso: Um estudo antropológico sobre a dinâmica estética e econômica na Vila Chocolate*  
Marcos Freire de Andrade Neves
- N. 47 – *Além de Belo Monte e das outras barragens: o crescentismo contra as populações indígenas*  
Christian Guy Caubet & Maria Lúcia Navarro Lins Brzezinski
- N. 48 – *A Empatia em Edith Stein*  
Renaldo Elesbão de Almeida
- N. 49 – *A Dádiva de Si e a “Juventude”:* uma etnografia sobre movimento escoteiro  
Caio Fernando Flores Coelho
- N. 50 – *Ilustração e metaética em Dogville de Lars von Trier*  
Pedro Marques Harres
- N. 51 – *O ambientalismo em três escalas de análise*  
Fabiano Quadros Rückert
- N. 52 – *Ética e subjetividade: análise da estrutura subjetiva da vida ética segundo Lima Vaz*  
Roseane Welter



**Prof. Dr. Hilário Henrique Dick** – Doutor em Literatura Brasileira, estudioso da História da Juventude, um dos fundadores do Curso de Pós-Graduação – Especialização em Juventude da UNISINOS; ex-assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; autor de mais de 20 escritos sobre e para a juventude, destacando-se *Gritos silenciados, mas evidentes* (Loyola), *Cartas a Neotéfilo* (Loyola), *O Caminho se faz* (Evangraf), *Juventudes e Adolescências* (org.), *Silêncios e barulhos juvenis latino-americanos: na travessia da história* (UNISINOS); educador de jovens há mais de 40 anos, especialmente com a Pastoral da Juventude; coordenador do Observatório Juvenil do Vale – UNISINOS.



**Prof. MS José Silon Ferreira** – Graduação e Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, especialista em Sistema de planejamento de vendas e produtos na área calçadista do Vale dos Sinos. Especialista no curso de Prevenção ao uso Indevido de Droga (Universidade Federal de Santa Catarina). Professor nomeado em Ciências Humanas – Ensino Médio/ Rede Estadual. Autor das obras: *A vivência religiosa dos jovens da diocese de Montenegro* (Oikos) e *Para Além de um Monótono Estrribilho – Violência e Segurança – O caso de São Leopoldo* (CEBI). Palestrante para adolescentes e jovens sobre drogas e família. Palestrante para Alunos, Pais e Professores com a Palestra Amor e Limite. Atualmente participa do grupo de pesquisa do Observatório Juvenil do Vale – UNISINOS.



**Prof. Dr. Luis Alexandre Cerveira** – formação em Teologia, graduação em História, mestre em História latino-americana e doutor em História com ênfase em Antropologia pela UNISINOS/UNICEN (Argentina)/Universidad Sevilla (Espanha). É coautor da obra *A vivência religiosa dos jovens da diocese de Montenegro* e de vários artigos científicos e capítulos de livros sobre a temática latino-americana. Atua principalmente nos seguintes temas: Revolução dos Comuneros, História dos conceitos, História política, História Latino-Americana, Jesuítas, História da sensibilidade, Antropologia das emoções/relações afetivas e juventudes. Atua como professor de Ciências Humanas na educação básica do Colégio Sinodal-SL e Fundação Evangélica-NH. É professor de Antropologia Social e Antropologia das Emoções na Faculdade IENH e Coordenador da Pós-Graduação “Relações Afetivas na Contemporaneidade” na mesma instituição.



**UNISINOS**

---

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS